



TCC/UNICAMP
Yo83a
1364 FEF/51

KARINA YOSHINAGA

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO VÔLEI NO AUTO-CONCEITO DE
ADOLESCENTES FEMININAS**

CAMPINAS
2003

KARINA YOSHINAGA



ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO VÔLEI NO AUTO-CONCEITO DE ADOLESCENTES FEMININAS

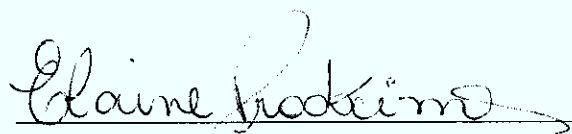
Monografia de conclusão do curso de
Bacharelado em Treinamento
Esportivo, apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Elaine Prodócimo**

CAMPINAS
2003

Este exemplar corresponde à redação final de monografia de conclusão de curso apresentada por Karina Yoshinaga em novembro de 2003.

Data: 25/11/03.

A handwritten signature in black ink, reading "Elaine Prodócimo", written over a horizontal line.

Prof.ª Dr.ª Elaine Prodócimo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à **Elaine**, que segurou na minha mão e me mostrou o caminho;

À minha **mãe**, por me dar asas e permitir que voasse;

E a uma pessoa que não sei, exatamente, onde está, mas que sempre me carregou no colo: **meu pai!**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que estiveram ao meu lado nestes cinco anos que passei na Unicamp, a cada pessoa que contribuiu para formação da pessoa que sou hoje. Porém a lista seria imensa, então, aqueles que aqui citar estarão representando todos vocês que me ajudaram a escrever este capítulo da minha história.

Quero agradecer a minha mãe, **Maria**, por ter vibrado com todas as minhas conquistas e derrotas, por ter me incentivado quando quis desistir e, pelo mais importante de tudo, por ser mãe incondicionalmente e me amar.

A toda minha **família**, principalmente ao Tio Luiz (um pai), por acreditar que conseguiria, apesar de todas as dificuldades.

A **Man**, que de uma forma ou de outra, esteve ao meu lado todo o tempo, em cada sorriso ou lágrima.

A **Tamis**, minha amiga Loira, por todas as vezes que me acolheu em sua casa, para estudar, chorar, dar risada ou simplesmente para fazer nada.

A **Cássia**, por todos os cafés da manhã, viagens e vezes que escutou os meus devaneios sem nunca me desestimular.

A minha querida amiga **Thabatine**, por todas as aulas que deixou de ir para estar ao meu lado, por todas as vezes que ficamos horas falando coisas que gostaríamos de fazer, por me provar que “milagres” existem e por ser sempre a pessoa maravilhosa que é.

Aos meus amigos **Du, Uhle, Serginho, Zeitune, Melara, Beto, Vêi, Menchini**, por todas as experiências que trocaram comigo.

A toda a turma **99 noturno**, por todos os sorrisos que me proporcionaram.

A vocês que dividiram a casa, as contas, o dia-a-dia e a amizade comigo nestes dois últimos anos: **Lí, Annie, Lê, Marcy e Let's**. Obrigada por agüentar os meus acessos de loucura e me incentivarem a todo momento.

A uma pessoa muito importante neste período final, **Mexicano**. Por estar ao meu lado sempre que eu enlouquecia de estar à frente do computador.

A minha orientadora e amiga **Elaine**, não quero agradecer apenas por ter me guiado, e sim, por todas as vezes que conversamos, todas as experiências que trocamos e por ter se tornado uma pessoa muito especial e querida.

A todos os **professores** da Faculdade de Educação Física da Unicamp por me ajudarem a ter certeza de que este é o meu caminho.

Um agradecimento muito especial a todas as **adolescentes** que me ajudaram na execução deste trabalho. Vocês foram responsáveis por fazer de uma idéia algo mais concreto.

A todos vocês, os meus aplausos e o meu muito obrigada!!!

Verbo Ser

Que vai ser quando crescer?

Vivem perguntando em redor. Que é ser?

É ter um corpo, um jeito, um nome?

Tenho os três. E sou?

Tenho de mudar quando crescer? Usar outro
nome, corpo e jeito?

Ou a gente só principia a ser quando cresce?

E terrível, ser? Dói? É bom? É triste?

Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas
coisas?

Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.

Que vou ser quando crescer?

Sou obrigado a? Posso escolher?

Não dá para entender? Não vou ser.

Vou ser assim mesmo.

Sem ser Esquecer.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Na fase caracterizada como adolescência, o indivíduo passa por um processo de busca pela individualidade, entendida como a nossa singularidade mais íntima. Neste período, o adolescente passa por um importante desenvolvimento da sua personalidade, além de um fortalecimento do seu auto-conceito. Este estudo, de natureza quantitativa e qualitativa, teve como objetivo estudar se a atividade física, no caso o vôlei, pode influenciar o auto-conceito de adolescentes que o praticam. Foram entrevistadas 40 meninas de 13 a 17 anos, divididas em três grupos, sendo que 26 são atletas, das categorias mirim e juvenil, e 14 não praticam atividade física, e os dados foram coletados através de um questionário composto de seis tabelas que analisava: *self* pessoal relacionado a confiança pessoal e ao auto-controle, *self* social, analisando a relação do indivíduo com os outros, aos valores dos outros e os traços que facilitam este relacionamento, *self* ético-moral e *self* somático, que diz respeito aos aspectos físicos. A análise dos dados foi feita através da contagem de respostas dadas para cada item e depois comparadas dentro do mesmo grupo e entre os grupos. Ao final da pesquisa, conclui-se que a maioria das respostas caracteriza indivíduos pertencentes a uma mesma faixa etária, e não pessoas que praticam ou não atividade física. O único ponto que percebemos uma diferença mais significativa foi em relação ao *self* somático, no qual, as meninas que praticam atividade física, possuem uma visão mais positiva de seus corpos.

ABSTRACT

In the characterized phase as adolescence, the individual passes for a process of search for the individuality, understood as our closer singularity. In this period, the adolescent one passes for an important development of its personality, besides fortifying its self-concept. This study, of quantitative and qualitative nature, it had as objective to study if the physical activity, in the case volleyball, can influence the self-concept of adolescents who practice it. 40 girls had been interviewed, between 13 and 17 years, divided in three groups, being that 26 are athlete, of the categories kids and youthful, and 14 do not practice physical activity, and the data had been collected through a composed questionnaire of six tables that it analyzed: self personal related the personal confidence and to the self-control, self social, analyzing the relation of the individual with the others, to the values of the others and the traces that facilitate this relationship, self ethical-moral and self somatic, that it says respect to the physical aspects. The analysis of the data was made through the counting of answers given for each item and later compared inside of the same group and between the groups. To the end of the research, one concludes that the majority of the answers characterize pertaining individuals to one same age, and not people whom practice or not physical activity. The only point that we perceive a more significant difference was in relation to self-somatic, in which, the girls who practice physical activity, possess a more positive vision of its bodies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1: A ADOLESCÊNCIA E PERSONALIDADE.....	03
1.1. A adolescência.....	03
1.2. Personalidade.....	05
1.3. Adolescência e Individualidade.....	08
CAPÍTULO 2: AUTO-CONCEITO.....	10
2.1. Auto-conceito.....	10
2.2. Auto-conceito e esporte.....	15
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DA PESQUISA.....	17
3.1. O estudo bibliográfico.....	17
3.2. O questionário.....	17
3.3. Os sujeitos.....	19
3.3.1. Grupo 1.....	19
3.3.2. Grupo 2.....	19
3.3.3. Grupo 3.....	20
3.4. A abordagem.....	20
3.5. A aplicação do questionário.....	21
3.6. A análise dos dados.....	21
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS.....	22
4.1. Grupo 1.....	22
4.1.1. <i>Self</i> pessoal.....	23
4.1.2. <i>Self</i> pessoal direcionado para o auto controle.....	23
4.1.3. <i>Self</i> social.....	27
4.1.4. <i>Self</i> ético-moral.....	29
4.1.5. <i>Self</i> somático.....	31
4.1.6. <i>Self</i> social	33
4.2. Grupo 2.....	35

4.2.1. <i>Self</i> pessoal.....	36
4.2.2. <i>Self</i> pessoal direcionado para o auto controle.....	37
4.2.3. <i>Self</i> social.....	39
4.2.4. <i>Self</i> ético-moral.....	40
4.2.5. <i>Self</i> somático.....	42
4.2.6. <i>Self</i> social	43
4.3. Grupo 3.....	45
4.3.1. <i>Self</i> pessoal.....	46
4.3.2. <i>Self</i> pessoal direcionado para o auto controle.....	48
4.3.3. <i>Self</i> social.....	50
4.3.4. <i>Self</i> ético-moral.....	51
4.3.5. <i>Self</i> somático.....	53
4.3.6. <i>Self</i> social	55
4.4. Comparação entre os grupos.....	57
4.4.1. <i>Self</i> pessoal.....	57
4.4.2. <i>Self</i> pessoal direcionado para o auto controle.....	58
4.4.3. <i>Self</i> social.....	59
4.4.4. <i>Self</i> ético-moral.....	60
4.4.5. <i>Self</i> somático.....	61
4.4.6. <i>Self</i> social	62
 CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO.....	 63
 CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 67
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 69
 ANEXOS.....	 71

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Adjetivos relativos ao <i>Self</i> pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo (maneira como se percebe como pessoa).....	23
TABELA 2: Adjetivos relativos ao <i>Self</i> pessoal, porém direcionado para o auto controle.....	25
TABELA 3: Adjetivos relacionados com o <i>Self</i> social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas.....	27
TABELA 4: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> ético-moral.....	29
TABELA 5: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física.....	31
TABELA 6: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social.....	33
TABELA 7: Adjetivos relativos ao <i>Self</i> pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo (maneira como se percebe como pessoa).....	36
TABELA 8: Adjetivos relativos ao <i>Self</i> pessoal, porém direcionado para o auto controle.....	37
TABELA 9: Adjetivos relacionados com o <i>Self</i> social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas.....	39
TABELA 10: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> ético-moral.....	40
TABELA 11: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física.....	42
TABELA 12: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social.....	43
TABELA 13: Adjetivos relativos ao <i>Self</i> pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo (maneira como se percebe como pessoa).....	46
TABELA 14: Adjetivos relativos ao <i>Self</i> pessoal, porém direcionado para o auto controle.....	48

TABELA 15: Adjetivos relacionados com o <i>Self</i> social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas.....	50
TABELA 16: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> ético-moral.....	51
TABELA 17: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> somático, Que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física.....	53
TABELA 18: Adjetivos relacionados ao <i>Self</i> social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social.....	55
TABELA 19: Comparação das respostas relativas ao <i>Self</i> pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo.....	57
TABELA 20: Comparação das respostas relativas ao <i>Self</i> pessoal, porém direcionado para o auto controle.....	58
TABELA 21: Comparação das respostas relativas ao <i>Self</i> social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas.....	59
TABELA 22: Comparação das respostas relativas ao <i>Self</i> ético-moral.....	60
TABELA 23: Comparação das respostas relativas ao <i>Self</i> somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física.....	61
TABELA 24: Comparação das respostas relativas ao <i>Self</i> social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social.....	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Análise hierárquica do desenvolvimento do auto-conceito.....	11
Figura 2 – Comparação das respostas relativas ao <i>self</i> pessoal.....	57
Figura 3 – Comparação das respostas relativas ao <i>self</i> pessoal (direcionado ao auto controle).....	58
Figura 4 – Comparação das respostas relativas ao <i>self</i> social.....	59
Figura 5 – Comparação das respostas relativas ao <i>self</i> ético-moral.....	60
Figura 6 – Comparação das repostas relativas ao <i>self</i> somático.....	61
Figura 7 – Comparação das respostas relativas ao <i>self</i> social (valores que determinam a receptividade social).....	62

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I: Carta de consentimento..... 72

ANEXO II: Escala Fatorial de Auto - conceito..... 73

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento do homem considerada conflituosa e turbulenta. Os motivos que levam a sociedade a considerar este período desta maneira, foi o que impulsionou a realização deste trabalho.

O entendimento das questões que permeiam este assunto, mostrou que este período é de grande relevância no processo de desenvolvimento da personalidade do ser humano.

O desenvolvimento da personalidade está intimamente relacionado com o auto-conceito, que é de grande importância para a experiência vital do indivíduo, além da sua saúde psíquica, sua atitude para consigo mesmo e para com os outros.

Para o adolescente, o auto-conceito é um dos principais fatores para a formação da sua identidade. E neste processo de busca da individualidade, o adolescente procura em outras pessoas subsídios para esta formação, se inserindo em grupos nos quais se sinta como um igual. Ao se relacionar com as outras pessoas, consegue encontrar as semelhanças que possui com os outros e ao mesmo tempo compreender as peculiaridades que o tornam único.

Nesta perspectiva, o esporte coletivo aparece como um espaço propício para a formação de grupos de iguais e, portanto, o estudo do auto-conceito de adolescentes neste âmbito é muito proveitoso.

Este trabalho teve como objetivo analisar se a prática do vôlei pode influenciar no auto-conceito de adolescentes femininas, e para isso foi aplicado um questionário analisando as dimensões do auto-conceito (*self* pessoal, *self* social, *self* somático e *self* ético-moral) entre praticantes e não praticantes da modalidade.

Este trabalho está dividido em capítulos que abordam temas que no decorrer do texto se completam.

No capítulo 1 abordamos o histórico da adolescência e fazemos uma caracterização desta fase na sociedade ocidental. Além desta contextualização dos sujeitos que iríamos trabalhar, fizemos um levantamento de teorias que abordam o desenvolvimento da personalidade e o processo da busca da individualidade na adolescência.

Ao estudarmos a formação da identidade na adolescência, percebemos que o auto-conceito é de grande importância neste processo, e devido a isso, o capítulo 2 faz uma descrição sobre este assunto, além de abordar teorias sobre as suas dimensões e a sua relação com o esporte.

O capítulo 3 discorre sobre a metodologia desta pesquisa. Explicamos o método que utilizamos: o estudo bibliográfico, o motivo da escolha do protocolo usado nas entrevistas, a caracterização dos sujeitos, a forma como foi feita a abordagem dos grupos e a análise dos dados recolhidos.

No capítulo 4 há uma análise dos dados coletados. As tabelas mostram a quantidade de respostas que foram dadas para todos os itens dos questionários por cada grupo. Além disso, há uma análise das respostas, relacionando-as com a literatura estudada.

O capítulo 5 mostra uma comparação das respostas coletadas entre os três grupos, apontando as similaridades e diferenças encontradas. Neste capítulo, mostramos os resultados que obtivemos.

O capítulo 6 traz algumas sugestões para estudos posteriores abordando o tema central de nossa pesquisa: o auto-conceito.

Capítulo 1

Adolescência e Personalidade

1.1. A adolescência

O conceito da adolescência é um termo relativamente novo, tanto quanto o termo infância. Judith Gallatin (1978) ao fazer um estudo histórico da adolescência, afirma que há três ou quatro séculos a sociedade ocidental não fazia diferença entre a infância, a adolescência e a maturidade. As crianças eram consideradas adultos em miniatura e podemos comprovar esta visão da cultura ocidental nas pinturas anteriores ao renascimento, nas quais crianças eram retratadas como adultos e não como a figura angelical a que estamos habituados nos dias de hoje.

Ariès (apud Gallatin, 1978) observou que era uma prática comum colocar as crianças para trabalhar com apenas sete anos e, entre a aristocracia, as crianças ingressavam na escola com quatro ou cinco anos. Nestas escolas não havia divisão de séries por idade, todos estudavam juntos, e essas crianças, consideradas precoces, acabavam a escolarização com dezoito anos.

Gradativamente, com as mudanças nas condições econômicas da sociedade ocidental, o conceito de infância foi surgindo, e junto com isso uma preocupação em se proteger e supervisionar essas crianças. De acordo com Ariès (apud Gallatin, 1978), uma boa parte de comerciantes deixou de colocar seus filhos para trabalhar tão cedo, e com isso, as escolas mudam seu método de ensino. Desaparecem, então, os escolares precoces da Idade Média e Renascença e começa a predominar o ensino graduado e de classes com crianças da mesma idade. Porém, essa visão foi exclusividade, durante muito tempo, das classes superiores e foi necessário que muitas crianças sobrevivessem à infância e a classe média crescesse, para que este conceito se estabelecesse firmemente na sociedade. Além de se estabelecer que a criança não podia realizar trabalhos de um adulto, também começou a se questionar se a mente de uma criança é igual à de um adulto.

O conceito moderno da criança se firmou no século dezoito e foi Jean Jacques Rousseau (apud Gallatin, 1978) quem assinalou a diferença crucial entre a infância e a maturidade. Ele afirma que a criança é incapaz de raciocinar e pensar em abstrações. De

acordo com o autor, somente com doze ou treze anos, que a criança entra, no que ele chamou, de “idade da racionalidade”.

Como podemos perceber, já se começa a pensar que há algo de diferente entre uma criança de oito anos e uma de doze. Porém, o conceito de adolescência, de acordo com os estudos de Ariès (apud Gallatin, 1978) só vai aparecer no final do século dezoito e vai se difundir apenas no século vinte.

De acordo com o autor, os exércitos do final do século dezoito, ao tentarem atrair os jovens para as suas frentes de batalha, fizeram com que aparecesse algo semelhante ao conceito de adolescente, pois estes jovens não eram mais crianças e ainda não haviam alcançado a idade adulta.

Outros autores, Bakan, Deram e Deram, Keniston, Musgrove e Muss (apud Gallatin, 1978), defendem que o conceito está intimamente ligado com a instituição de leis trabalhistas que proibiam que a criança trabalhasse, além do sistema educacional de massas, ambos os fatos mantêm a maioria dos jovens longe do trabalho e economicamente dependentes dos pais até os vinte anos.

Hoje, dentro da sociedade em que estamos inseridos, o desenvolvimento do indivíduo passou a ser fragmentado em fases. O critério para a delimitação dessas fases é puramente social, pois não se pode dividi-las baseando-se na idade cronológica ou biológica do ser humano, pois se deve levar em conta que cada ser é único.

O ser humano é considerado uma criança, um adolescente, um adulto ou um idoso, e passando por cada um destes estágios, ele tem características próprias e distintas, que foram culturalmente passadas de geração para geração.

Muitos estudiosos dedicam-se ao estudo de cada uma destas fases, tentando definir quais são essas características que lhes são próprias, tanto fisiológicas, quanto psicológicas.

Segundo Davidoff (1983) o adolescente confronta-se com mudanças muito rápidas em altura e dimensões de seu corpo, passa por uma maturação sexual, adquire novas capacidades cognitivas e começa a ter diferentes exigências e expectativas da família, dos amigos e da sociedade em geral. Além disso, Gallatin (1978) assinala que o adolescente passa a agir mais como um adulto (seu modo de raciocinar, autocontrole e independência), parecem-se mais com adultos do que com crianças (são maiores do que

elas e muito próximos da maturidade sexual), porém em alguns aspectos continuam se assemelhando a crianças (são mais impulsivos e menos consistentes).

Devido a todos os conflitos que se passam na adolescência, este período da vida é visto, muitas vezes, como uma época de conflitos, tormentas e tumultos. Erikson (1968) afirma que a adolescência passou a ser quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta, e este jovem que agora precisa lidar com uma fase de formação de identidade passa a se preocupar com a forma que os outros o avaliam, em comparação com o que ele próprio julga ser, tentando associar os papéis que já desempenhou às suas necessidades atuais.

1.2. Personalidade

Para Allport (apud Oliveira, 2000), personalidade é a organização dinâmica, dentro do indivíduo, daqueles sistemas psicofísicos (hábitos, atitudes, sentimentos e disposição) que determinam os ajustes únicos ao seu ambiente.

Os psicólogos behavioristas acreditam que a personalidade se define por um modelo de respostas que caracteriza um indivíduo.

Para Stagner e Solly (apud Oliveira, 2000), seria um modelo interno de preceitos, motivos e emoções.

Reich (apud Fadiman e Frager, 1979) defende que personalidade é o composto das atitudes habituais de uma pessoa e de seu padrão consistente de respostas para várias situações. Inclui atitudes e valores conscientes, estilo de comportamento (timidez, agressividade e assim por diante) e atitudes físicas (postura, hábitos de manutenção e movimentação do corpo).

Para os psicanalistas, a teoria da personalidade é baseada na teoria de inconsciente de Sigmund Freud. Em sua opinião, os impulsos, componentes da personalidade, lembranças das experiências do início da infância e dolorosos conflitos psicológicos tendem a ser inconscientes. De acordo com Freud, a personalidade é formada por três componentes primordiais: o id, que seria a fundação onde se edifica a personalidade e é movido pelo princípio do prazer; o ego, que seria a ponte do id com a realidade e é governado pelo princípio da realidade e o último componente, o superego, que seria o código moral que as pessoas desenvolvem a partir da assimilação de normas.

Rubem Alves (1999) diz que Freud percebeu que o corpo era uma casa de três andares, onde moravam três moradores muito diferentes. No térreo mora um pacato professor, cientista, de hábitos tranquilos e racionais. No porão mora um *playboy* sem juízo, que se entrega pela noite adentro a festas barulhentas. No andar superior funciona um tribunal onde são julgados, condenados e freqüentemente punidos os que não seguem as leis impostas pelo juiz que preside este tribunal. Os nomes deste moradores são, respectivamente: Ego, Id e Superego.

Para os psicanalistas, a personalidade será moldada pelas experiências iniciais quando as crianças passam por uma seqüência de fases psicosssexuais. Essas fases seriam: a oral, anal e genital. De acordo com Freud, à medida que a criança vai se desenvolvendo, a libido (energia sexual) centra-se nessas diferentes partes do corpo e conforme a criança passa por estes estágios, a sua personalidade vai sendo formada. Como podemos perceber, para a psicanálise, a personalidade é formada nos primeiros anos de vida e a adolescência, nada mais é, do que reviver estes conflitos que foram superados ou não, na infância.

Para Erik Erikson (1968), a personalidade é dinâmica e será construída desde o nascimento até o fim da vida. Segundo ele, a personalidade resulta da interação de três grandes sistemas: o Biológico, o Social e o Individual. Esta interação leva o ser humano a desenvolver um forte sentido de identidade.

Para isso, o indivíduo deve passar por fases que ele conceitua como as “oito idades do homem”, em que haverá conflitos a serem resolvidos na necessidade de se manter um equilíbrio, e para cada uma delas há instituições e valores correspondentes. As oito idades seriam:

- Confiança versus desconfiança básica

Esta fase corresponde ao que Freud denominou de fase oral. Para Erikson, neste período a criança passa por um processo de incorporação de sensações. Devido a desproteção e dependência, ela precisa confiar nas pessoas que estão ao seu redor para suprir as suas necessidades, porém é improvável que o bebê tenha todas as suas necessidades satisfeitas a ponto de superar a sua desconfiança. Neste período da vida, o que a criança aprende é contar ou não com as pessoas, e Erikson acredita que esse sentido de confiança do bebê é precursor da virtude de fé no adulto.

- Autonomia versus vergonha e dúvida

Esta fase corresponde ao que a teoria psicanalítica chamou de fase anal. A criança ao ser ensinada a conter as suas necessidades esfincterianas, ela passa por um conflito de deter-se ou deixar-se ir. Nesta fase, evidencia-se pela primeira vez, a vontade de se fazer as coisas sozinha. É nesta idade que as regras passam a se configurar na vida do indivíduo.

- Iniciativa versus culpa

A dependência de outras pessoas está cada vez menor. Nesta fase as crianças começam a se descobrir e a se comparar com os outros, passa a ter medo de ser descoberta e começa a se auto-observar. Passa por um conflito de ter culpa pelas suas iniciativas e se os adultos significativos para ela não passarem impressões de como será a vida quando ela se tornar adulta, ela terá medo de tentar descobrir coisas novas.

- Produtividade versus inferioridade

Esta fase corresponde ao período em que a criança começa a sua vida escolar. O indivíduo começa a adquirir habilidades para o trabalho, e passa a transformar o sentido de iniciativa em sentido de produtividade, que estará sempre competindo com o sentido de inferioridade.

- Identidade versus confusão de papéis

Esta fase corresponde ao período da adolescência, em que o indivíduo continua a amadurecer a assimilar os valores e costumes da sua sociedade, aprendendo muito a respeito de si mesmo. A interação com outras pessoas deixa evidente as características que ele tem em comum com os outros e aquelas que lhe são únicas. O adolescente deve se decidir quanto a formação da sua identidade e se depara com pressões para fazer isso.

Como muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo e há muitas decisões a serem tomadas, o adolescente passa por um período de indecisão e desorientação.

- Intimidade versus isolamento

À medida que a identidade do adolescente vai adquirindo forma, o indivíduo passa a ter uma verdadeira capacidade de intimidade. O adulto deve ser capaz de expressar seus sentimentos pelos outros e ser capaz de distinguir seus amigos dos inimigos, mas também deve sentir-se seguro o suficiente a respeito de si mesmo, para que possa se tolerar e gostar de ser quem é.

- Generatividade versus estagnação

Nesta fase o indivíduo já está integrado ao mundo do trabalho e se tornou capaz de travar relacionamentos, e desta forma ele pode dar a sua contribuição à sociedade. Para Erikson, a generatividade é a preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte.

O adulto pode estabelecer uma família e o que ele levará desta fase é o “cuidado” com os outros.

- Integridade versus desesperança

Esta fase corresponde ao que chamamos de Terceira Idade.

Se o indivíduo passou por todas as fases e acredita que as enfrentou com sucesso, pode predominar o sentimento de integridade. Caso isso não tenha acontecido, pode prevalecer o sentimento de desesperança. Para Erikson a virtude humana desta fase é a sabedoria.

Como podemos perceber, para Erikson, a adolescência é apenas mais uma fase na vida do homem, e que, apesar de ser de confusão e de desorientação, é um momento importante no processo que todos passam na formação da identidade.

1.3. Adolescência e Individualidade

A adolescência, dentro da teoria de Erikson, é uma fase crucial neste processo de busca pela identidade, pois o indivíduo que conseguiu passar pelas quatro fases anteriores sem que tenham ocorrido problemas, teve uma ampliação gradativa de seu repertório de habilidades. Ele se tornou capaz de sintetizar e integrar as suas experiências e analisar a pessoa que se tornou e consegue visualizar o indivíduo que poderá vir a ser. Nesta fase, o jovem continua assimilando as normas e valores da sua cultura, e dessa forma permanece aprendendo muito de si mesmo. Ao se relacionar com as outras pessoas, consegue encontrar as semelhanças que possui com os outros e ao mesmo tempo compreender as peculiaridades que o tornam único. Desta forma, ele começa a formar a sua identidade. De acordo com Erikson (apud Gallatin, 1978, p.201)

“A formação de identidade requer um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental e pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebe ser a

forma como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles. Ao mesmo tempo ele julga a maneira como os outros o julgam, de acordo com o modo como ele se vê, em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele."

Para Jung (apud Fadiman e Frager, 1979), todo indivíduo tende à individuação e ao autoconhecimento. Para ele, individuação significa tornar-se um ser único, homogêneo, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável. Podemos, pois, traduzir individuação como "tornar-se si mesmo" ou "realização do si mesmo".

Em sua teoria, Erikson substitui a idéia da tempestade e tormenta, muito comum ao se referir a adolescência, por uma de moratória. Este processo seria um tipo de pausa do adolescente para respirar, um período durante o qual se experimentam as várias alternativas e se antecipam os compromissos adultos.

Dentro deste processo pela busca de novas experiências como forma de adquirir uma individualidade, o adolescente procura por pessoas com as quais possa se identificar formando e fortalecendo o conceito que tem de si próprio.

CAPÍTULO 2

AUTO - CONCEITO

2.1. Auto-conceito

O auto-conceito, segundo Tamayo (2001), pode ser definido como uma estrutura cognitiva que organiza todas as experiências passadas do indivíduo, independente de ser real ou imaginária, além de controlar o processo informativo relacionado com o próprio indivíduo e exercer uma função de auto-regulação.

Niedenthal e Beike (apud Tamayo et al, 2001), defendem que o auto-conceito são as representações mentais das características pessoais utilizadas pelo indivíduo para a definição de si mesmo e regulação de seu comportamento.

De acordo com Gallahue (2001, p385), auto-conceito é *“considerado como a percepção que o indivíduo tem de suas características, atributos e limitações, e o modo pelos quais essas qualidades são tão similares quanto diferentes das outras”*. Seria a forma como o indivíduo se vê, sem comparar-se com outros ou emitir um julgamento pessoal a respeito do que está considerando. Este valor que o indivíduo atribui a seu auto-conceito, é chamado de auto-estima. Para Weiss (apud Gallahue, 2001), auto-estima refere-se aos julgamentos que o indivíduo faz de si próprio. Auto-conceito é simplesmente como o indivíduo se vê, a percepção que tem de si, e auto-estima é o valor que é dado a essas percepções.

Gallahue (2001) ainda fala de alguns termos que estão intimamente ligados ao auto-conceito mas que não possuem o mesmo significado, apesar de ter uma influência muito grande um sobre o outro, são eles: auto-confiança e competência percebida. Auto-confiança, definida por alguns autores como auto-eficácia, é a crença do indivíduo em sua habilidade de desempenhar tarefa mental, física ou emocional, a convicção de que pode atingir o êxito frente a desafios. Se a tarefa a ser desempenhada for considerada importante, a competência na execução terá impacto sobre a auto-estima e consequentemente sobre o auto-conceito. Competência pode ser considerada como a habilidade real do indivíduo em satisfazer exigências particulares para realização de uma determinada tarefa.

Gallahue fez uma análise hierárquica do desenvolvimento do auto-conceito e demonstrou através da figura (2001, p387):

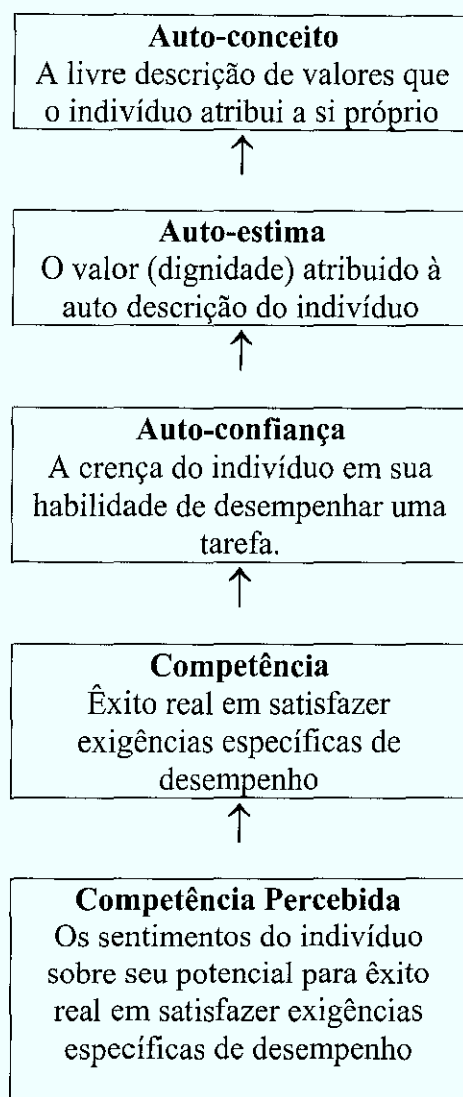


Figura 1 – Análise hierárquica do desenvolvimento do auto-conceito

Valendo-se da análise de Gallahue, percebemos que a atividade física pode influenciar de alguma maneira na forma como o indivíduo se percebe, ou seja, pode influenciar no seu auto-conceito, já que uma pessoa que tem a sua habilidade reconhecida no esporte, se considerará competente e isso influenciará na formação do auto-conceito.

Villa Sanches & Escribano (1999) dividem o auto conceito em três componentes: cognitivo, avaliativo e comportamental. O componente cognitivo é o conjunto de características com as quais o indivíduo se descreve e que orientam o seu

modo habitual de agir e se comportar perante as situações, sejam elas verdadeiras ou não. O componente avaliativo, também chamado de auto-estima, é a forma como a pessoa emite julgamentos a cerca das suas percepções relativas a si próprio. O terceiro e último componente é o comportamental consiste na forma como o indivíduo se apresenta no cotidiano, com o objetivo de transmitir aos outros o que percebe de si mesmo.

Para Willian James (apud Fadiman e Frager, 1979, p.164) o auto conceito do homem é:

“ a soma de tudo o que ele pode chamar de seu, não apenas seu corpo e suas forças psíquicas, mas suas roupas e sua casa, sua esposa e filhos, seus ancestrais e amigos, sua reputação e seu trabalho, suas terras e seus cavalos, os iates e as contas bancárias. Todas essas coisas lhe dão as mesmas emoções. Se elas crescem e prosperam, ele se sente triunfante; se elas minguam e desaparecem, ele se sente deprimido – não necessariamente no mesmo grau por cada coisa, mas na maioria das vezes da mesma forma por todas”.

Este autor, define tudo aquilo que um indivíduo pode chamar de seu ou que faz parte de si como *self*, e nesta está incluso, não apenas o seu corpo e suas forças psíquicas, mas seus bens materiais, família e trabalho.

Sendo assim, o auto-conceito é formado por várias dimensões que se interligam para formar a percepção de si mesmo. James distinguia três dimensões no *self*: o *self* material, o *self* social e o *self* espiritual.

O *self* material, segundo o autor, *“inclui aquelas coisas com as quais nos identificamos, não abrange apenas nossos corpos, mas também nossas casa, posses, amigos e família, é a soma de tudo o que ele pode chamar de seu”* (p.164). A medida que nos identificamos com algo externo, seja uma pessoa ou um objeto, isto passa a fazer parte da nossa identidade.

O *self* social é o reconhecimento que o indivíduo tem por parte de seus companheiros e pelo ambiente que está ao seu redor, constitui-se de todos os papéis que conscientes ou inconscientes são aceitos.

O *self* espiritual é o ser interior e subjetivo de uma pessoa, sentimento das atividades corporais cuja natureza exata é ignorada pela maioria dos homens.

Tamayo (1981) baseia-se nas teorias de James e caracteriza quatro dimensões para o auto-conceito: o *self* somático, o *self* pessoal, o *self* social e o *self* ético moral. A sua escala fatorial de auto-conceito, que utilizei neste trabalho, visa avaliar cada uma destas dimensões.

O *self* somático está relacionado com os aspectos físicos do indivíduo. As percepções diretas e indiretas que a pessoa tem de seu corpo e a maneira como este é percebido pelos outros.

O *self* pessoal consiste na forma como a pessoa se percebe como pessoa, as características psicológicas que ele possui. Esta estrutura é dividida em dois componentes: o *auto controle* – baseado na maneira como o indivíduo disciplina suas ações, as suas relações e a sua interação com o mundo; e *segurança pessoal* - formada pelas percepções e sentimentos de permanência e de confiança em si mesmo.

A estrutura *self* social baseia-se na forma como o indivíduo interage com a sociedade, em como ele se relaciona com as outras pessoas, na necessidade de complementariedade de si com o outro e o desejo de ser reconhecido pelas pessoas que estão ao seu redor. Esta estrutura também é dividida em duas subestruturas: *receptividade social* – é formada pelas percepções da aceitação social do indivíduo, das suas inclinações com respeito ao relacionamento interpessoal, da sua relação com os outros e da sua capacidade de comunicação; *atitude social* – compreende as reações que o indivíduo utiliza nos seus relacionamentos com os outros.

A última dimensão do *self* que Tamayo aponta em sua teoria é a estrutura do *self* ético-moral, formada pelas auto-avaliações do indivíduo e pelas percepções sociais provenientes dos outros, que este introjeta. A partir destas auto-avaliações, o indivíduo forma uma imagem da sua dignidade moral que é completada pela imagem social, ou seja, a forma como ele é percebido pelos outros.

Oliveira afirma que o auto-conceito é um dos elementos constitutivos da identidade, ele se forma gradativamente, é uma organização progressiva e como tal está constantemente sofrendo acréscimos, retoques e mudanças. Ela diz ainda que: “o indivíduo reorganiza o auto-conceito permanentemente de acordo com a sua forma particular de perceber a si próprio e o mundo, de acordo com o contexto social em que vive e interage” (2000, p. 59).

O auto-conceito começa a se desenvolver desde os primeiros anos de vida. Machargo (apud Villa Sánchez & Escribano, 1999, p.17) diz que o auto conceito “*é construído e definido ao longo do desenvolvimento graças à influência das pessoas significativas do ambiente familiar, escolar e social, e como consequência das próprias experiências de sucesso e de fracasso*”. As pessoas que estão ao redor desta criança estão lhe passando informações sobre as suas habilidades, valores, destrezas ou a falta deles. Essas experiências e informações vão auxiliar na formação do auto-conceito.

Uma pessoa que teve na infância um auto-conceito baseado na percepção de sua competência, na afirmação de sua auto confiança e no fortalecimento de sua auto-estima, terá mais facilidades de passar pelas fases de desenvolvimento.

Um ponto de referência muito importante no auto-conceito das pessoas é o corpo. A forma como se relaciona com a sua imagem corporal, sua aparência e a forma como é vista pelos outros é de extrema importância para a formação da auto imagem e consequentemente para o auto-conceito.

Na adolescência, com todas as transformações físicas que o jovem se depara, há uma redescoberta do corpo. Oliveira (2000) ainda diz que todas as transformações sofridas nessa época podem abalar o esquema corporal do jovem, pois seu corpo é seu ponto de referência dentro do ambiente em que vive, afinal, é a primeira visão que alguém tem dele.

Neste processo de busca pela formação de uma identidade e fortalecimento de seu auto-conceito, o adolescente busca um grupo com o qual possa se identificar e é a partir do ponto de vista dos outros que ele consegue refletir, julgar e avaliar a sua própria pessoa.

Para este fato, Erikson (1968, p. 133) defende que:

“os jovens tornam-se dedicados a um clã, intolerantes e cruéis na sua exclusão de outros que são diferentes, na cor de pele ou formação cultural, nos gostos e talentos, e, freqüentemente, em aspectos mesquinhos de vestuários e gestos, arbitrariamente selecionando como sinais de ‘ser do grupo’ ou ‘não ser do grupo’. É importante compreender em princípio, que tal intolerância pode ser, por algum tempo, uma defesa contra um sentimento de perda de identidade. Os adolescentes não só se ajudam uns aos outros, temporariamente, no decorrer desse conturbado período,

formando turmas e estereotipando-se a si próprios, aos seus ideais e aos seus inimigos, mas também testam, insistentemente, as capacidades mútuas para lealdade constante, no meio de inevitáveis conflitos de valores.”

Na procura por esse grupo de iguais, o esporte aparece como grande possibilidade de inserção do jovem, como meio de se identificar com determinadas pessoas. Dentro deste âmbito, o adolescente pode receber contribuições para passar por este período.

A atividade física promove uma qualidade de experiências que pode levar ao desenvolvimento da competência, esta facilita a confiança e melhora a forma como o indivíduo se vê, como vimos no esquema apresentado por Gallahue (2001).

A procura dos jovens pelo esporte é muito grande, tanto por modalidades individuais, quantos por esportes coletivos. Por meio deste, o indivíduo pode estabelecer um contato maior com o seu próprio corpo, conhecendo as suas facilidades e limitações, melhorando a sua imagem corporal e consequentemente a auto-estima, contribuindo, assim, para uma melhora de seu auto-conceito. Quando bem trabalhadas, as regras existentes nos esportes, podem contribuir para a formação de indivíduos críticos e observadores.

2.2. Auto-conceito e esporte

Feige (apud Thomas, 1983, p.5) defende que no *“esporte, especialmente no treinamento e na competição, surgem condições não existentes na vida humana normal. Nem no trabalho profissional, nem nas pesquisas da psicologia geral acontece tamanha dedicação de todas as forças, não só físicas como da alma.”*

Sack (apud Thomas, 1983) afirma que o esporte pode ser considerado como instância socializante, pois exerce um efeito sobre a alternância de valores, conceitos e formas de conduta em direção às normas sociais aceitas. Este mesmo autor diz que, por efeito de transferência, características e atitudes que podem ser apresentadas dentro do esporte, são levadas para situações não caracterizadas como esportivas, ou seja, para a vida diária do indivíduo praticante de atividade física.

Baseando-se nestas informações, podemos dizer que o esporte pode contribuir para a formação ou alteração do auto-conceito de pessoas que praticam atividade física. Alguns autores como Zaichkowski, Lewis, Sharp e Relly, Gourley, Martinek,

Leonardson e Collingwod (apud Santana, 2003), após estudo, afirmam que houve uma alteração no auto-conceito de crianças que participaram de programas de atividades físicas.

Considerando todas essas teorias, podemos dizer que dentro da prática de vôlei pode existir uma influência na formação do auto-conceito e consequentemente uma alteração na personalidade da adolescente que faz parte de um esquema de treinamento.

Sanchez e Escribano (1999), dizem que o auto-conceito é de grande importância para a experiência vital do indivíduo, além da sua saúde psíquica, sua atitude para consigo mesmo e para com os outros, e por fim, para com o desenvolvimento construtivo de sua personalidade.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1. O estudo bibliográfico

O primeiro passo para a realização desta pesquisa, foi um levantamento bibliográfico acerca do fenômeno adolescência dentro da sociedade ocidental e como é formada a personalidade do indivíduo.

Após este estudo enfocando as diferentes teorias sobre a personalidade, encontrou-se o objeto de trabalhos de toda a pesquisa: o auto-conceito.

Para Lakatos e Marconi (1982, p.183) *“a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”*.

3.2. O questionário

A escolha pelo uso de um questionário, se deu pelo fato de ser um instrumento de fácil aplicação. Moreira (2002, p.30), escreve que o questionário é utilizado para levantamento amostral, que é *“procedimento sistemático para coletar informações que serão usados para descrever, comparar ou explicar fatos, atitudes, crenças e comportamentos”*.

Esta pesquisa levanta dados quantitativos, mas relevando a qualidade das respostas que foram dadas. Goode e Hatt apud Oliveira (2001, p.116) afirmam que *“a pesquisa moderna deve rejeitar como falsa dicotomia a separação entre estudos qualitativos e quantitativos ou entre ponto de vista estatístico ou não estatístico”*.

Após a decisão pelo uso de questionário o passo seguinte foi a procura por um protocolo que já houvesse sido utilizado, ou seja, que já fosse validado. Optamos em utilizar a EFA – Escala Fatorial de Auto-conceito, desenvolvida por Tamayo (1981). Porém, a versão que utilizamos foi a de Castro (2003), que aplicou esta mesma escala, com o grupo de Amigos Deficientes e Esportistas de Campinas. Após analisar o questionário, ela percebeu a semelhança de muitos adjetivos nas diferentes tabelas e por este motivo, ordenou as tabelas de uma forma diferente da original (p.21):

- 1) *self* pessoal – segurança pessoal;
- 2) *self*-social – atitude social;
- 3) *self* – pessoal – autocontrole;
- 4) *self* – ético moral;
- 5) *self* somático;
- 6) *self* – social – receptividade social.

Na busca de em utilizar um protocolo já validado, tomamos o cuidado de não modificá-lo muito. Fizemos apenas uma modificação relativa a graduação das respostas. No protocolo de Castro (2003), as respostas estavam dispostas da seguinte maneira:

Violento	1	2	3	M	1	2	3	Pacífico
----------	---	---	---	---	---	---	---	----------

No qual:

1 = se aplica muito

2 = se aplica bastante a violento

3 = se aplica pouco

M = os dois extremos da escala se aplicam igualmente

1 = se aplica pouco

2 = se aplica bastante a pacífico

3 = se aplica muito

Ao analisar este questionário, achamos que poderia ser criada uma certa confusão quando fossem dadas as respostas, pois os números do extremo eram diferentes. Por esta razão, mudamos a graduação das respostas para:

Violento	3	2	1	M	1	2	3	Pacífico
----------	---	---	---	---	---	---	---	----------

No qual:

3 = se aplica muito

2 = se aplica bastante a violento

1 = se aplica pouco

M = os dois extremos da escala se aplicam igualmente

1 = se aplica pouco

2 = se aplica bastante a pacífico

3 = se aplica muito

3.3. Os sujeitos

A pesquisa foi realizada com 40 meninas entre 13 e 17 anos, que praticam ou não atividade física. A atividade escolhida foi o vôlei, por ser um esporte coletivo, no qual a carga de treino para equipes que disputam campeonatos é alta, o que proporciona uma convivência muito grande entre as integrantes do time.

A pesquisa foi realizada com três grupos distintos:

3.3.1. Grupo 1

Número de sujeitos: 14 meninas

Idade Média: 16,3 anos

Desvio Padrão: 0.82

As adolescentes estão no ensino médio e estudam em uma escola Estadual da cidade de Campinas – SP, que possui uma equipe de treinamento de vôlei que participa de vários campeonatos na cidade, porém, neste caso o questionário foi distribuído entre um grupo que não participa da equipe em questão.

3.3.2. Grupo 2

Número de sujeitos: 11 meninas

Idade Média: 13,5 anos

Desvio Padrão: 0.52

Este grupo faz parte de uma equipe mirim de treinamento de vôlei de uma escola Estadual da cidade Campinas – SP que participa de vários campeonatos pela cidade. As sessões de treinamento acontecem quatro vezes por semana, com duração de duas horas. O tempo de envolvimento médio que estas adolescentes tem com a modalidade é de 1,6 anos.

3.3.3. Grupo 3

Número de pessoas: 15 meninas

Idade Média: 15,7 anos

Desvio Padrão: 1.22

Este grupo pertence a uma equipe infantil e juvenil de treinamento de vôlei de uma escola particular de São Paulo – SP. Elas participam de campeonatos inter-escolares e possuem uma carga de treinamento de quatro vezes por semana com duração de duas horas por dia, alternando entre treinamento físico, técnico e tático. O tempo médio de envolvimento com a modalidade é de seis anos.

3.4. A abordagem

O primeiro contato foi feito através de telefone com algumas escolas de Campinas e São Paulo, com as respectivas coordenadoras pedagógicas. Após passar pela aprovação da diretoria, o contato foi feito pessoalmente com os técnicos das equipes, e no caso do grupo 1, foi realizado um sorteio de algumas meninas para compor o grupo.

Todas as adolescentes que participaram da pesquisa, receberam uma carta de consentimento, na qual os pais ou responsáveis permitiram a participação na pesquisa (ver ANEXO I).

3.5. A aplicação do questionário

Após coletar as cartas de consentimento, passamos para a aplicação do questionário.

As adolescentes que praticam vôlei, foram abordadas no início de seus treinos, enquanto as que não treinam, responderam o questionário no intervalo de suas aulas.

Antes de começar a responder os questionários, havia uma conversa para apresentação e para sanar algumas dúvidas relacionadas à pesquisa, e durante o tempo todo, estivemos presentes para esclarecer dúvidas relacionadas ao significado dos adjetivos.

Para identificá-las, haviam alguns campos a serem preenchidos, em nenhum momento foi pedido para que fosse colocado o nome das participantes, e sim dados como a idade, série que está cursando, se pratica ou não atividade física. (ver ANEXO II).

3.6. A análise de dados

Para iniciar a análise dos dados, primeiramente calculamos quantas respostas foram dadas por tabela.

Depois, dividimos as respostas em três grupos : Lado A, Lado B e Linha Média. Desta forma ficou mais claro quantificar quantas respostas, por grupo, foram dadas para cada item.

Assim, pode-se comparar os resultados entre os indivíduos do mesmo grupo e entre os grupos diferentes (os que praticam e não praticam atividade física e por idade).

O desvio padrão é uma medida do grau de dispersão dos valores em relação ao valor médio (a média). São incluídos nos cálculos valores lógicos e texto, como VERDADEIRO e FALSO. Ou seja, é o desvio para mais ou menos, tendo como referência a média, dentro do mesmo grupo.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

4.1. Grupo 1

Adolescentes que não treinam vôlei

Sexo: Feminino

Número de entrevistadas: 14

Idade média: 16.3 anos

Desvio Padrão: 0,82

4.1.1. Self pessoal

TABELA 1: Adjetivos relativos ao *self* pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo (maneira como se percebe como pessoa)

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Inseguro	2			8	3			Seguro
Vacilante								
(ter dúvida, tremer)		1		8	1	3	1	Firme
Indeciso	2		2	5	2	3		Decidido
Complexado		2	2	6		2	2	Seguro
Frágil			2	3	3	5	1	Forte
Instável	1		2	4	2	3	2	Estável
frustrado		1	1	5	1	6		Realizado
Dominado				4	2	6	2	Dominante
Covarde				3	2	4	5	Corajoso
Volúvel		1		1	5	6	1	Estável
Medroso				1	2	6	5	Aventureiro
Tenso	1		1	2	3	3	4	Descontraído
Inconstante				4	3	6	1	Constante
Preocupado	1	1	3	5		4		Tranquilo
Descontrolado	1			5	3	2	3	Controlado
Passivo				6	1	4	3	Ativo
Número de resposta	8	5	13	69	33	63	30	
% de respostas	3.6	2.7	5.8	31.4	14.8	28.3	13.4	

Foram dadas 223 respostas, sendo que **12,1%** das respostas encontram-se do lado esquerdo da tabela, que irei definir como Lado A, **31,4%** na linha média e **56,5%** do lado direito, que definirei como lado B.

Não se pode dizer que os adjetivos que estão dispostos no lado esquerdo das tabelas sejam piores do que os seus antônimos. Porém, deve-se levar em conta que os que estão elencados do lado direito, são os mais aceitos e esperados pela sociedade em que estamos inseridos.

De acordo com Erikson (1968) na adolescência o indivíduo passa por um processo de busca pela individualidade, ou seja, precisa analisar as experiências que viveu e entender a pessoa que se formou, além de visualizar no futuro, a pessoa que se tornará. Além disso, Gallantin (1978), como já citei anteriormente, destaca que o adolescente passa a ter atitudes de um adulto, principalmente na forma de raciocinar, no autocontrole e na independência. No aspecto físico, este adolescente parece-se com adulto, pois é maior que uma criança e está muito próximo da maturidade sexual. Porém, não podemos defini-los como adultos, pois ainda apresentam alguns aspectos que os assemelham a crianças, como a impulsividade.

Levando em conta as observações destes autores, podemos entender algumas respostas da tabela 1. Encontramos algumas meninas que se consideram indecisas, preocupadas e complexadas. Fazendo uma análise, tendo como base a argumentação de Erikson, fica evidente que as adolescentes em questão, estão passando por uma confusão de papéis que ele define como sendo uma característica desta fase.

4.1.2. Self pessoal direcionado para o auto controle

TABELA 2: Adjetivos relativos ao self pessoal, porém direcionado para o auto controle

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Anárquico		2	1	5	1	2	3	Organizado
Desligado	2		1	5	1	2	3	Ligado
Distraído		2		5	2	3	2	Atento
Desordenado	1	1	1	6	3		2	Sistemático
Desatento		1		5	2	4	2	Atento
Descuidado		1		1	2	8	2	Cuidadoso
Indisciplinado	1	1		2	4	3	3	Disciplinado
Irresponsável		1		1	2	5	5	Responsável
Preguiçoso	2		3	5	1		3	Trabalhador
Imprudente		1		4	1	5	3	Prudente
Esquecido	1	1	2	5		4	1	Lembrado
Desinteressado	1			4	1	5	3	Interessado
Instável	1		1	4	4	3	1	Estável
Vacilante								
(ter dúvida /tremar)		1	2	6	2	2	1	Firme
Inconstante			2	6	3	3		Constante
Desajeitado			2	3	1	5	3	Habilidoso
Número de respostas	9	12	15	67	30	54	37	
% de respostas	4	5.4	6.7	29.9	13.4	24.1	16.5	

Para esta tabela, foram coletadas 224 respostas.

Percebe-se que, em relação à tabela anterior, houve um aumento das respostas referentes ao lado A, **16,1%**. Na linha média houve **29,9%** das respostas, e do lado B, **54,5%**.

Nesta tabela, apesar da maioria das respostas se encontrar no lado B, percebemos que para todos os quesitos foram dadas respostas para o lado A, o mais expressivo foi em relação à preguiça. Segundo Piaget (apud Parra,1983, p.15), frente a um problema, “o sujeito nesta fase tenta, antes de tudo, imaginar as possíveis relações

entre as variáveis e, depois, por meio da experimentação ou, se for o caso, do raciocínio puro, tenta combiná-las segundo um padrão sistemático, para então concluir qual ou quais destas relações se mantêm como verdadeiras”, e isso o faz escolher o que fazer e quando fazer, muitas vezes esta atitude o caracteriza como preguiçoso.

4.1.3. *Self* social

TABELA 3: Adjetivos relacionados com o *self* social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Briguento		1		9		1	2	Pacífico
Agressivo			3	5		6	1	Gentil
Impaciente	2	2	1	4	1	2	2	Paciente
Bravo	1		3	5	3	2		Manso
Nervoso	2	2	1	5	2	1	1	Calmo
Brusco			1	4	3	3	3	Delicado
Rebelde	3		2	6	1	1	1	Dócil
Vingativo		2	1	4	1	2	4	Pacífico
Intolerante				10	1	3		Tolerante
Extremista				7	3	4		Moderado
Preocupado	2		2	7	1	1	1	Tranquilo
Descontrolado	1		1	4	5	2	1	Controlado
Número de respostas	11	7	15	70	21	28	16	
% de respostas	6.5	4.2	8.9	41.7	12.5	16.7	9.5	

Nesta tabela foram coletadas 168 respostas, e mais uma vez observou-se um aumento de respostas do lado A. **19,6 %** das respostas estão localizadas no lado esquerdo da tabela, **41,7%** na linha M e **38,7%** no lado direito.

Na adolescência, é de extrema importância se inserir em um grupo de iguais, e desta forma coletar subsídios para estar formando a sua identidade, a forma como se relaciona com este grupo é de extrema importância. Erikson diz que para o adolescente a forma como ele é julgado pelos outros é de muito valor para ele, desta forma ele fará um paralelo com a forma com a qual ele se julga e então formar uma opinião baseada nas duas avaliações.

Como na tabela 1, mais uma vez nos deparamos com respostas apontando a preocupação como característica das adolescentes. É valido ressaltar, que outros adjetivos foram citados como característicos do *self* social de algumas das entrevistadas:

impaciente, agressiva, brava e rebelde. Perceberemos que em relação aos outros grupos avaliados, essas respostas aparecerão, também, no grupo de adolescentes que praticam vôlei na categoria infantil e juvenil, grupo 3. No grupo 2, apenas 12,2% das respostas foram dadas no lado A e no grupo 3, foram 22,8% das respostas do mesmo lado. Podemos questionar se a idade, neste momento, não estaria influenciando nas respostas, já que o grupo 2 é o mais novo de todos os sujeitos avaliados.

4.1.4. *Self* ético-moral

TABELA 4: Adjetivos relacionados ao *self* ético-moral

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Desleal						8	6	Leal
Desonesto					1	6	7	Honesto
Traidor						5	9	Fiel
Mentiroso		1		1		9	3	Sincero
Infiel						5	9	Fiel
Falso		1		1		9	3	Franco
Imprudente		1		3	5	4	1	Prudente
Injusto				3	4	4	3	Justo
Inautêntico				1	2	5	6	Autêntico
Irresponsável			1	2	3	4	4	Responsável
Maldoso			1	1	2	6	4	Bondoso
Indisciplinado		2		1	5	4	2	Disciplinado
Insensível				1	2	3	8	Sentimental
Hostil								
(contrário/inimigo)				1		4	9	Amigo
Desrespeitador				1		8	4	Respeitador
Desinteressado		2		1	3	5	3	Interessado
Descortês (grosseiro)				4	3	5	2	Cortes (delicado)
Detestado				4		5	4	Amado
Número de respostas		6	2	26	33	96	87	
% de respostas		2.4	0.8	10.4	13.2	38.4	34.8	

Nesta tabela, foram dadas 250 respostas.

Aqui, o interessante foi que, no que diz respeito ao *self* ético-moral, a maioria dos indivíduos teve suas respostas no lado direito da tabela.

No que diz respeito à lealdade e fidelidade, as 14 meninas consideram que se aplicam muito ou bastante neste quesito.

Quando começa a entrar na idade que Rousseau chama de idade da razão e que mais tarde Piaget definiu como a fase do pensamento formal, o adolescente questiona o que se passa ao redor dele, mas ao mesmo tempo ele precisa ser aceito nesta sociedade que está inserido. Nesta tabela, percebemos que a importância dos valores éticos é muito grande, pois, desta forma, estaria abrindo espaço para se integrar ao grupo que escolheu fazer parte e ser aceito.

4.1.5. Self somático

TABELA 5: Adjetivos relacionados ao *self* somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Desgracioso								
(obeso)		1	1	2	2	6	2	Esbelto
Deselegante				5	4	4	1	Elegante
Deforme								
(deformado)			1	5	4	2	2	Sexy
Desarrumado	1	1		5	1	5	1	Arrumado
Descuidado	2			4	3	5		Alinhado
Feio		2		5	1	5	1	Lindo
Escasso			1	8	1	3	1	Exuberante
Repulsivo			1	4	4	3	2	Atraente
Frio			1	5	3	3	2	Sensual
Detestado			1	4	2	3	4	Amado
Antipático			1	3	1	3	6	Simpático
Indesejado		1	1	4	3	3	2	Desejado
Desagradável			1	3	2	5	3	Agradável
Número de respostas	3	5	9	57	31	50	27	
% de respostas	1.6	2.7	4.9	31.3	17.1	27.5	14.8	

Nesta tabela foram coletadas 182 respostas, sendo que **9,2%** se encontram do lado esquerdo, **31,3%** na linha M e **59,4%** do lado direito. O único quesito que não obteve respostas do lado esquerdo foi “deselegante”.

É interessante observar que a maioria das meninas considera-se dentro dos quesitos que são aceitos e encarados como elogios para uma pessoa. Porém, vale citar que, na idade em que se encontram, o corpo está passando por várias transformações, o que traz, muitas vezes, vários problemas para as adolescentes.

Nesta fase, segundo Bastos (1992), ocorrem várias transformações relativas ao corpo, que começam, na mulher, em torno de 9 ou 10 anos, decorrente da ação do

hormônio estrogênio. O autor apresenta a cronologia das transformações fisiológicas da seguinte forma:

Aproximadamente dos 9 aos 10 anos:

- desenvolvimento irregular dos folículos ovarianos;
- aumento rápido de estatura (estirão de crescimento);
- crescimento inicial das papilas mamárias;
- início de desenvolvimento da bacia óssea.

Aproximadamente dos 10 aos 11 anos:

- início do desenvolvimento das mamas;
- início do desenvolvimento dos órgãos genitais externos e internos;
- início do crescimento dos pêlos pubianos.

Aproximadamente dos 11 aos 14 anos:

- estágios seguintes e final do desenvolvimento mamário;
- prossegue o desenvolvimento dos órgãos genitais externos e internos;
- acontece a menarca (primeira menstruação) e início dos primeiros ciclos menstruais,
- aparecimento dos pêlos axilares.

Aproximadamente dos 14 aos 16 anos

- completa-se o desenvolvimento dos órgãos genitais externos e internos;
- o crescimento esquelético se aproxima do término.

Desta forma, a adolescente passa por uma fase de adaptação, ela precisa conhecer este novo corpo que está adquirindo. Isso, muitas vezes, traz um certo constrangimento relacionado ao corpo. Mas, pelo que podemos analisar com os dados obtidos nesta tabela, as entrevistadas tem uma aceitação bem positiva de seus corpos.

4.1.6. Self social

TABELA 6: Adjetivos relacionados ao *self* social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Retraído	1	1	1	3	4	2	2	Expansivo
Introvertido	1			4	1	2	6	Extrovertido
Fechado	1			3	2	6	2	Aberto
Inibido	1			3	4	4	2	Desinibido
Impopular				5	1	7	1	Popular
Desentrosado	1			2	3	6	2	Entrosado
Tímido	1	1	1	5	1	4	1	Audaz
Solitário	1			3	1	5	4	Social
Enfadonho				2	3	7	2	Divertido
Insociável			1	1	3	5	4	Sociável
Triste	1			2		5	6	Alegre
Antipático				4		4	6	Simpático
Passivo	1			4	2	6	1	Ativo
Frio		1		5	2	4	2	Sensual
Tenso	1			5	3	3	2	Descontraído
Inseguro	1	1		5	3	3	1	Seguro
Complexado	1		1	5	2	4	1	Seguro
Lento			1	6	1	3	3	Ágil
Indeciso	1	2	1	3	1	5	1	Decidido
Deforme (deformado)	1	1		5	1	4	2	Sexy
Indesejável	1			5		5	3	Desejado
Frustrado			1	2	4	4	3	Realizado
Número de Respostas	15	7	7	82	42	97	58	
% de respostas	4.9	2.3	2.3	26.6	13.6	31.5	18.8	

Nesta tabela foram coletadas 308 respostas, sendo que **9,5%** encontram-se do lado esquerdo, **26,6%** na linha M e **63,9%** no lado direito.

Percebemos, com a análise dos dados coletados nesta tabela, que a maioria das meninas deste grupo considera-se socialmente adequada.

Porém, como afirmado anteriormente, essas meninas pertencem a um grupo de iguais, no qual, possivelmente elas sentem-se enquadradas, e isto fez com que as respostas fossem predominantemente no lado B. Não podemos julgar, com estes dados, se elas consideram que estes traços facilitem ou dificultem a relação que possuem com a sociedade em geral e sim com o ambiente no qual estão inseridas.

4.2. Grupo 2

Adolescentes que treinam vôlei na categoria mirim

Sexo: Feminino

Número de entrevistadas: 11

Idade média: 13,5 anos

Desvio padrão: 0,52

Média de tempo de treino: 1,6 anos

Desvio padrão: 0,92

4.2.1. *Self* pessoal

TABELA 7: Adjetivos relativos ao *self* pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo (maneira como se percebe como pessoa)

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Inseguro		1		8				Seguro
Vacilante								
(ter dúvida, tremer)			2	5	2	1	1	Firme
Indeciso	1		3	4	1	1		Decidido
Complexado	1		2	2	3	3		Seguro
Frágil	1	1		6	1	1	1	Forte
Instável			1	5	2	2	1	Estável
Frustrado	1			1	4	2	2	Realizado
Dominado		2	1	4		1	3	Dominante
Covarde				2	3	4	1	Corajoso
Volúvel				3	3	2	3	Estável
Medroso		2		4		3	2	Aventureiro
Tenso		1	1	5	2	1	1	Descontraído
Inconstante			1	7	3			Constante
Preocupado		1	2	4	3	1		Tranquilo
Descontrolado			1	2	3	3	2	Controlado
Passivo	1			1	1	4	3	Ativo
Número de resposta	5	8	14	63	31	29	20	
% de respostas	2.9	4.7	8.2	37.1	18.2	17	11.8	

Para esta tabela, foram dadas 170 respostas, sendo que **15,8%** estão localizadas do lado A, **37,1%** na linha média e **47%** do lado B.

Mais um vez nos deparamos com adolescentes que se caracterizam como indecisas e preocupadas, como no grupo 1. Pode-se concluir, então, que dentro do grupo que foi estudado, ser indeciso e preocupado é uma característica da fase em questão, correspondendo a teoria de Erikson sobre a busca da individualidade.

4.2.2. Self pessoal direcionado para o auto controle

TABELA 8: Adjetivos relativos ao *self* pessoal, porém direcionado para o auto controle

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Anárquico		1	3	5		1	1	Organizado
Desligado				4	3	3	1	Ligado
Distraído			1	4	2	3	1	Atento
Desordenado	2	3	1	4			1	Sistemático
Desatento			2	3	3	2	1	Atento
Descuidado		1		1	2	5	2	Cuidadoso
Indisciplinado			2	1	2	4	2	Disciplinado
Irresponsável				1	2	5	3	Responsável
Preguiçoso	2	3		2	1	1	1	Trabalhador
Imprudente			1	3		3	3	Prudente
Esquecido			1	2	2	4	2	Lembrado
Desinteressado				1	2	4	4	Interessado
Instável	1	1		6		2		Estável
Vacilante								
(ter dúvida /tremar)				3	2	4	2	Firme
Inconstante			1	6	3	1		Constante
Desajeitado				4	1	4	2	Habilidoso
Número de respostas	5	9	12	50	25	46	26	
% de respostas	2.9	5.2	6.9	28.9	14.5	26.6	15	

Foram dadas 173 repostas, sendo que **15%** se localizam no lado A, **28,9%** na linha média e **56,1%** do lado B.

É interessante observar que das respostas coletadas, encontramos meninas que se consideram anárquicas e preguiçosas. Sendo pessoas que praticam atividade física, imaginamos que não encontraríamos este tipo de resposta, porém, analisamos este dado como sendo característica da adolescência e não de pessoas que praticam ou não atividade física. Como já foi citado, o adolescente passa, agora, por uma fase de questionamentos e reflexões, optando por suas escolhas.

Os sujeitos dos três grupos se analisam como habilidosas, ou seja, apesar de não praticarem atividade física, as meninas do grupo 1 consideram-se tão habilidosas quanto as que praticam.

Gallahue (2001) chama este reconhecimento da habilidade de competência percebida. Ele afirma que, se considerar competente em determinada situação, dependendo da importância que se dá ao ato, pode ter um impacto significativo na competência real, na auto-confiança, auto-estima e, conseqüentemente, no auto-conceito.

4.2.3. Self social

TABELA 9: Adjetivos relacionados com o *self* social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Briguento		1	1	5	1	1	2	Pacífico
Agressivo				3	3	4	1	Gentil
Impaciente	1			3	2	4		Paciente
Bravo	1		1	3	4	2		Manso
Nervoso		1	2	4	3	1		Calmo
Brusco				3	4	4		Delicado
Rebelde			2	1	2	3	3	Dócil
Vingativo		1		4	2	3	1	Pacífico
Intolerante				3	3	4	1	Tolerante
Extremista				4	2	2	3	Moderado
Preocupado	1		2	3	3		2	Tranquilo
Descontrolado			2	4	2	2	1	Controlado
Número de respostas	3	3	10	40	31	30	14	
% de respostas	2.3	2.3	7,6	30.5	23.7	22.9	10.7	

Para esta tabela foram dadas 131 respostas, sendo que **12,2%** se localizam do lado A, **30,5%** na linha mediana e **57,3%** do lado B.

Como citado anteriormente, este grupo é o mais novo dos grupos avaliados, porém também encontramos meninas que se consideram nervosas e preocupadas.

Em relação a preocupação, que apareceu com bastante ênfase na primeira tabela, podemos relacionar isso ao fato da confusão de papéis que o adolescente passa neste período.

4.2.4. Self ético-moral

TABELA 10: Adjetivos relacionados ao self ético-moral

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Desleal					2	6	3	Leal
Desonesto				1	1	3	6	Honesto
Traidor				1		2	8	Fiel
Mentiroso			1	1	4	1	4	Sincero
Infiel				1	1	2	7	Fiel
Falso					1	2	8	Franco
Imprudente			1	2	1	5	2	Prudente
Injusto					2	3	6	Justo
Inautêntico			1	1	2	3	4	Autêntico
Irresponsável				1	3	4	3	Responsável
Maldoso				1	3	6	1	Bondoso
Indisciplinado				2	1	1	6	Disciplinado
Insensível				3	2		5	Sentimental
Hostil (contrário/inimigo)						3	8	Amigo
Desrespeitador						7	3	Respeitador
Desinteressado				1	3	4	3	Interessado
Descortês (grosseiro)				1	4	3	3	Cortes (delicado)
Detestado				1		9	1	Amado
Número de respostas	0	0	3	17	30	64	81	
% de respostas	0	0	1.5	8.7	15.4	32.8	41.5	

Foram dadas 195 respostas, sendo que apenas **1,5%** consideram-se do lado A, **8,7%** na linha média e **89,7%** das respostas encontram-se no lado B.

Apesar de ser o grupo mais novo, as adolescentes em questão apresentaram respostas similares aquelas apresentadas nas tabelas das meninas com mais idade. Percebemos que, quando relacionado ao *self* ético-moral, a idade ou o fato de praticar ou não atividade física não influencia no julgamento. Os adjetivos citados são aqueles

mais aceitos pela sociedade, portanto, percebemos que isso é de grande relevância para estas adolescentes.

4.2.5. Self somático

TABELA 11: Adjetivos relacionados ao *self* somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Desgracioso								
(obeso)	1			6	1	2	1	Esbelto
Deselegante				3	2	4	2	Elegante
Deforme								
(deformado)			1		3	6	1	Sexy
Desarrumado					5	3	3	Arrumado
Descuidado				4	2	3	2	Alinhado
Feio			2	3	2	2	2	Lindo
Escasso				2	5	3	1	Exuberante
Repulsivo				2	3	4		Atraente
Frio				3	3	4	1	Sensual
Detestado					2	6	3	Amado
Antipático						3	8	Simpático
Indesejado				1	1	6	3	Desejado
Desagradável				1		8	2	Agradável
Número de respostas	1		3	25	29	54	29	
% de respostas	0.7		2.1	17.7	20.6	28.3	20.6	

Foram dadas 141 respostas, sendo que **2,8%** estão localizadas no lado A, **17,7%** na linha média e **79,5%** das respostas estão no lado B.

Através desta tabela, percebemos que muitas das entrevistadas tiveram suas respostas encontradas no lado A, ou na linha média. Ao comparar as respostas encontradas neste grupo com os outros dois grupos entrevistados, percebemos que o número de respostas, dadas pelas adolescentes que praticam vôlei, encontradas no lado esquerdo ou na linha média da tabela é menor do que as que encontramos na coleta que fizemos com as meninas que não praticam atividade física. Podemos dizer, que, relacionado com o *self* somático, as pessoas entrevistadas que praticam atividade física regularmente, possuem uma melhor forma de se ver do que as que não praticam.

4.2.6. Self social

Tabela 12: Adjetivos relacionados ao *self* social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Retraído				5	2	2	2	Expansivo
Introvertido				1	3	5	2	Extrovertido
Fechado				1	2	5	3	Aberto
Inibido				5	3	3		Desinibido
Impopular				1	2	5	3	Popular
Desentrosado				3		4	3	Entrosado
Tímido	1	2			3	5		Audaz
Solitário				1	3	5	2	Social
Enfadonho						3	8	Divertido
Insociável				2	1	5	3	Sociável
Triste					1	2	8	Alegre
Antipático						5	6	Simpático
Passivo				2		6	3	Ativo
Frio				2	1	6	2	Sensual
Tenso				3	3	4	1	Descontraído
Inseguro				2	4	2	3	Seguro
Complexado	1			2	3	4	1	Seguro
Lento			1	1	2	5	2	Ágil
Indeciso		1		1	3	3	3	Decidido
Deforme (deformado)			1	1	2	4	3	Sexy
Indesejável				1	1	5	4	Desejado
Frustrado				3		7	1	Realizado
Número de respostas	2	3	2	37	39	95	63	
% de respostas	0.8	1.2	0.78	15.4	16.2	39.4	26.1	

Para esta Tabela foram coletadas 241 respostas, sendo que apenas **2,8%** estão localizadas no lado A, **15,4%** na linha média e **81,7%** no lado B.

Mais uma vez, encontramos um número muito grande de respostas no lado B. Poucas meninas tiveram as suas respostas localizadas no lado A, e a que podemos considerar mais relevante é a que se refere a timidez, que obteve 3 respostas, Talvez, por fazer parte da equipe da escola, as atletas consideram ter uma boa receptividade social, pois fazem parte de um grupo de iguais de grande representatividade dentro do contexto em que estão inseridas.

4.3. Grupo 3:

Adolescentes que treinam vôlei na categoria infantil e juvenil

Sexo: Feminino

Número de entrevistadas: 15

Idade média: 15.7 anos

Desvio padrão: 1.22

Média de tempo de treino: 6 anos

Desvio padrão: 2

4.3.1. Self pessoal

TABELA 13: Adjetivos relativos ao *self* pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Inseguro		1	1	2	4	3		Seguro
Vacilante								
(ter dúvida, tremer)		1	4	4	3	1	1	Firme
Indeciso	1	3	2	3	2	3	1	Decidido
Complexado	1	1	3	2	2	5	1	Seguro
Frágil		1	6	3	4	1		Forte
Instável	1		1	5	1	6	1	Estável
Frustrado			2	1	3	6	3	Realizado
Dominado			1	5	1	3	4	Dominante
Covarde				4	2	4	5	Corajoso
Volúvel			1	4	3	5	2	Estável
Medroso			3	2	2	4	4	Aventureiro
Tenso		1	3	2	2	3	4	Descontraído
Inconstante			1	5	5	4		Constante
Preocupado	2	2	2	3	1	3	2	Tranquilo
Descontrolado		1	1	3	4	3	3	Controlado
Passivo			1	4	2	5	3	Ativo
Número de resposta	5	11	32	52	41	59	34	
% de repostas	2.13	4.7	13.7	22.2	17.5	25.2	14.5	

Para esta primeira tabela foram coletadas 234 respostas, sendo que **20,5%** se encontram do lado A, **22,2%** na linha média e **57,2%** no lado B.

Mais uma vez encontramos os adjetivos preocupado e indeciso tendo números significativos como respostas, indo ao encontro com as respostas dos grupos anteriores.

Este grupo, sendo de meninas que pertencem a categoria infantil e juvenil, no qual a média de idade é 15,7 anos, obteve um dado similar ao grupo 1, que possui a média de idade de 16,3 anos. Ambos os grupos apresentaram a resposta complexada.

Pode-se concluir, que dentro do grupo analisado, uma parte significativa das meninas, **31,03%**, possui algum tipo de complexo, este dado pode ser visto como sendo parte de um processo de crescimento, no qual as adolescentes, que tem mais idade que o grupo 2, já conseguem analisar melhor as experiências que vivenciaram e refletir sobre o que foi importante ou não para elas.

4.3.2. Self pessoal

TABELA 14: Adjetivos relativos ao *self* pessoal, porém direcionado para o auto controle

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Anárquico	1	2	3	5	1	2	1	Organizado
Desligado	1	1	4	2	1	4	2	Ligado
Distraído		2	3	4	4	2		Atento
Desordenado	1	2	2	5	1	2	1	Sistemático
Desatento		1	1	4	6	2	1	Atento
Descuidado	1		2	2	2	3	5	Cuidadoso
Indisciplinado	1		1	2	3	6	2	Disciplinado
Irresponsável		1	1	1	2	5	5	Responsável
Preguiçoso	2	3	1	2	2	4	1	Trabalhador
Imprudente				4	6	5		Prudente
Esquecido	1	1	3	4	2	4		Lembrado
Desinteressado			1	4	6	4		Interessado
Instável			1	4	6	4		Estável
Vacilante								
(ter dúvida /tremar)			3	7	3	1	1	Firme
Inconstante				5	8	2		Constante
Desajeitado				2	2	10	1	Habilidoso
Número de repostas	8	13	26	56	53	60	23	
% de repostas	3.3	5.4	10.9	23.4	22.2	25.1	9.62	

Foram coletadas 239 repostas, sendo de **19,6%** encontram-se no lado A, **23,4%** na linha média e **56,9%** no lado B.

Os resultados encontrados nesta tabela são bem semelhantes aos coletados nos grupos anteriores. Mais uma vez as adolescentes acreditam ser anárquicas e preocupadas.

Neste grupo, os adjetivos desligado e desordenado apareceram com mais repostas que as dos grupos anteriores, mas podemos agrupar estes adjetivos sendo

como uma característica das adolescentes entrevistadas em geral, e não do grupo em questão. A diferença das respostas pode ser fruto do mau entendimento dos adjetivos, já que, em meio à aplicação dos questionários, apareceram muitas dúvidas relacionadas ao significado dos mesmos.

4.3.3. *Self social*

TABELA 15: Adjetivos relacionados com o *self social*, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Briguento			4	4	2	4	1	Pacífico
Agressivo			1	3	6	1	4	Gentil
Impaciente		1	5	5	2	1	1	Paciente
Bravo		2	4	4	3	1	1	Manso
Nervoso		2	3	5	2	1	2	Calmo
Brusco			1	4	2	4	4	Delicado
Rebelde		1	2	4	1	6	1	Dócil
Vingativo		2	3	1	2	3	4	Pacífico
Intolerante		2	1	4	5	2	1	Tolerante
Extremista			1	6	3	5		Moderado
Preocupado		3	3	4	4		1	Tranquilo
Descontrolado				9	3	3		Controlado
Número de respostas		13	28	53	35	31	20	
% de respostas	0	7.2	15.6	29.4	19.4	17.2	11.1	

Foram coletadas 180 respostas para este tabela, destas **22,8%** encontram-se no lado A, **29,4%** na linha média e **47,7%** no lado B.

Como o grupo1, este grupo teve um número alto de respostas para os quesitos nervoso, bravo e briguento. Novamente, percebemos que isto não aconteceu no grupo 2, que é o mais novo. Quando as entrevistas começaram, imaginamos que as meninas que praticavam atividade física apresentariam um comportamento menos pacífico do que as meninas que não participam de competições. Essa dedução surgiu por saber da grande pressão que existe por parte de técnicos, amigos, pais e delas mesmas em relação a ganhar e perder. Porém com estes resultados, percebemos que a idade influencia mais do que o fato de praticar atividade física com objetivo competitivo.

4.3.4. Self ético-moral

TABELA 16: Adjetivos relacionados ao *self* ético-moral

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Desleal					1	5	9	Leal
Desonesto						6	9	Honesto
Traidor				1	1	5	8	Fiel
Mentiroso				1	2	9	3	Sincero
Infiel				2		5	8	Fiel
Falso				2	2	5	6	Franco
Imprudente				1	4	9	1	Prudente
Injusto				4	3	8		Justo
Inautêntico				1	6	4	4	Autêntico
Irresponsável		1	2	4	2	3	3	Responsável
Maldoso	1		2	2	2	5	3	Bondoso
Indisciplinado	1		1	2	3	6	2	Disciplinado
Insensível				2	3	3	7	Sentimental
Hostil (contrário/inimigo)						5	10	Amigo
Desrespeitador				1	4	3	7	Respeitador
Desinteressado				2	4	9		Interessado
Descortês (grosseiro)				4	5	5	1	Cortes (delicado)
Detestado				2	4	5	4	Amado
Número de respostas	2	1	5	31	46	100	85	
% de respostas	0.7	0.4	1.9	11.5	17	37	31.5	

Foram coletadas nesta tabela 270 repostas, das quais 3% estão localizadas no lado A, 11,5% na linha mediana e 85,5% no lado B.

Fazendo uma análise da obra de Piaget, Paulo Sérgio Silva (2003) cita que o adolescente passa a julgar se as regras que são impostas a ele são justas ou não, e dependendo das condições dadas, ele irá respeitá-la ou adaptá-la modificando-a em benefício das partes envolvidas. Diz ainda que o adolescente “*poderá escolher o que há*

de certo e justo nos valores sociais e aceitá-los como seus , incorporando e formulando novos juízos de acordo com sua consciência individual” (Silva, 2003, p. 46)

O adolescente está tentando entender o mundo que está descobrindo e se empenhando para que seja aceito. De acordo com as tabelas que analisamos relacionadas ao *self* ético-moral, percebemos que existe uma tendência muito grande das adolescentes em questão de se enquadrarem dentro dos juízos que são aceitos pela sociedade. Pode haver um questionamento, porém não podemos avaliar se isso acontece ou não através destes questionários.

4.3.5. Self somático

TABELA 17: Adjetivos relacionados ao *self* somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Desgracioso								
(obeso)			2	3	2	6	2	Esbelto
Deselegante			1	2	5	6	1	Elegante
Deforme								
(deformado)				5	5	4	1	Sexy
Desarrumado			2	3	2	5	3	Arrumado
Descuidado			1	6	1	6	1	Alinhado
Feio				6	3	6		Lindo
Escasso			1	5	7	2		Exuberante
Repulsivo				4	5	4	1	Atraente
Frio			3	1	5	6		Sensual
Detestado			1	3	4	5	2	Amado
Antipático				1	2	4	8	Simpático
Indesejado				6	3	6		Desejado
Desagradável					5	5	5	Agradável
Número de respostas			11	45	49	65	24	
% de respostas			5.7	23.2	25.3	33.5	12.3	

Foram coletadas 194 respostas, sendo que **5.7%** das respostas estão localizadas no lado A, **23,2%** na linha mediana e **71,1%** no lado B.

Mais uma vez, a maioria das respostas ficou no lado B.

Santana (2003) afirma que a aparência física tem dimensão social, as pessoas se consideram bonitas ou feias, pois a sociedade as consideram assim.

Vale ressaltar, que nos três grupos houve uma tendência maior de respostas graduadas em 1 ou 2 do lado B. De todas as respostas que foram dadas para esta tabela, nos três grupos, **21,1%** das respostas foram em 1, **32,7%** em 2 e **15,5%** em 3.

Percebe-se que apesar da adolescentes se enquadrarem nos adjetivos mais aceitos, elas não se analisaram como “muito”. Talvez este seja um indicativo que, de alguma forma, elas acreditam que podem ser melhores em alguns quesitos.

4.3.6. Self social

TABELA 18: Adjetivos relacionados ao *self* social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social

Lado A	3	2	1	M	1	2	3	Lado B
Retraído			1	7	3	4		Expansivo
Introvertido			3	1	4	5	2	Extrovertido
Fechado		1	2	3	5	4		Aberto
Inibido	1	2	1	3	5	2	1	Desinibido
Impopular				4	5	5	1	Popular
Desentrosado				2	4	2	7	Entrosado
Tímido	1	4	3	3		4		Audaz
Solitário				1	3	5	6	Social
Enfadonho				2	1	6	5	Divertido
Insociável			1		1	6	6	Sociável
Triste					3	5	7	Alegre
Antipático			1	2		4	8	Simpático
Passivo		1	1	4	1	4	4	Ativo
Frio				3	5	4	1	Sensual
Tenso		1	1	6	1	3	3	Descontraído
Inseguro		2	3	3	5	2		Seguro
Complexado	1		2	4	6	2		Seguro
Lento			1	1	1	10	2	Ágil
Indeciso				9		6		Decidido
Deforme (deformado)			1	6	4	4		Sexy
Indesejável				4	3	7	1	Desejado
Frustrado			1	2	4	6	2	Realizado
Número de respostas	3	11	22	70	64	100	56	
% de respostas	0.9	3.4	6.7	21.5	19.6	30.7	17.2	

Para esta tabela foram coletadas 326 respostas, dentre as quais, **11%** estão localizadas do lado A, **21,5%** na linha mediana e **67,5%** no lado B.

Apesar de ser um grupo muito valorizado dentro do ambiente em que faz parte, as meninas deste grupo consideram-se inibidas e tímidas. Na primeira tabela, algumas entrevistadas consideraram-se complexadas, isso pode ter alguma influência quando elas respondem considerar-se tímidas e inibidas.

Porém, a maioria, como os outros grupos, considera-se muito bem aceita pelo grupo de iguais.

4.4. Comparação entre os grupos

Após a análise individual das tabelas aplicadas, segue abaixo a comparação percentual das respostas dos três grupos.

4.4.1. Self pessoal

TABELA 19: Comparação das respostas relativas ao *self* pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo

	3	2	1	M	1	2	3
Grupo 1	3.6%	2.7%	5.8%	31.4%	14.8%	28.3%	13.4%
Grupo 2	2.9%	4.7%	8.2%	37.1%	18.2%	17%	11.8%
Grupo 3	2.13%	4.7%	13.7%	22.2%	17.5%	25.2%	14.5%

Podemos perceber através destes dados que a maioria das respostas estão localizadas no Lado direito das tabelas, ou seja, do Lado B. Além disso, em todas as tabelas nota-se uma predominância de respostas na linha M, e nos itens 1 e 2 que tende para o Lado B. O item 3 do Lado direito, na maioria das vezes, teve menos relevância que os outros itens de graduação.

No gráfico abaixo, percebemos que o grupo 3 teve um número maior de respostas para o Lado A e para o Lado B.

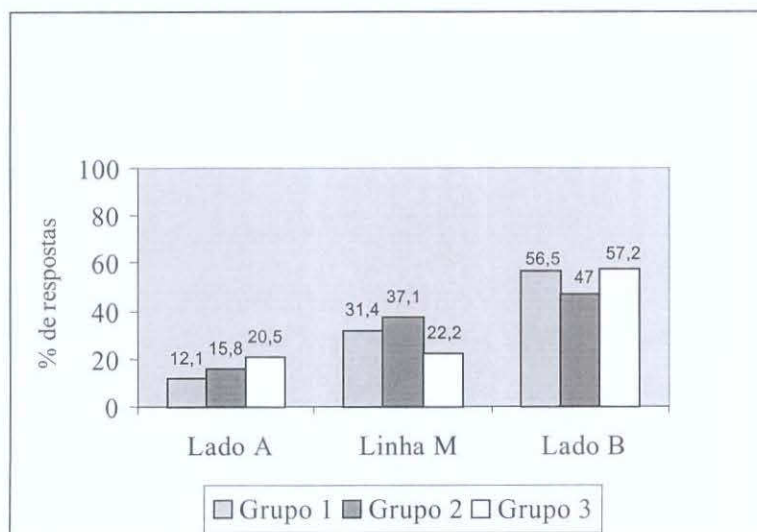


Figura 2 – Comparação das respostas relativas ao *self* pessoal

4.4.2. Self pessoal direcionado para o auto controle

TABELA 20: Comparação das respostas relativas ao self pessoal, porém direcionado para o auto controle.

	3	2	1	M	1	2	3
Grupo 1	4%	5.4%	6.7%	29.9%	13.4%	24.1%	16.5%
Grupo 2	2.9%	5.2%	6.9%	28.9%	14.5%	26.6%	15%
Grupo 3	3.3%	5.4%	10.9%	23.4%	22.2%	25.1%	9.62%

Observa-se que, novamente, é predominante as respostas encontradas no Lado B em 1 e 2, e um número menor de repostas para 3. No grupo 1,não encontramos este fato, pois as respostas encontradas em 3 são maiores do que as que estão em 1.

No gráfico abaixo, percebemos que o fenômeno que ocorreu na primeira tabela se repete. O grupo 3 teve um número maior de respostas no Lado A e no Lado B.

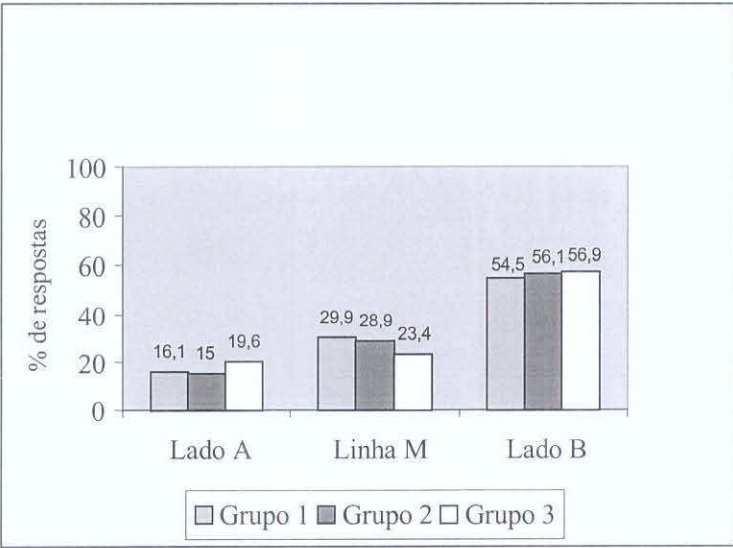


Figura 3 – Comparação das respostas relativas ao self pessoal
(direcionado ao auto controle)

4.4.3. Self social

TABELA 21: Comparação das respostas relativas ao *self* social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com as pessoas

	3	2	1	M	1	2	3
Grupo 1	6.5%	4.2%	8.9%	41.7%	12.5%	16.7%	9.5%
Grupo 2	2.3%	2.3%	7,6%	30.5%	23.7%	22.9%	10.7%
Grupo 3	0%	7.2%	15.6%	29.4%	19.4%	17.2%	11.1%

Nesta Tabela podemos notar que, os grupos 1 e 3 tiveram respostas semelhantes relacionadas ao Lado A, entretanto, o grupo 2 teve um número alto de respostas para o Lado B.

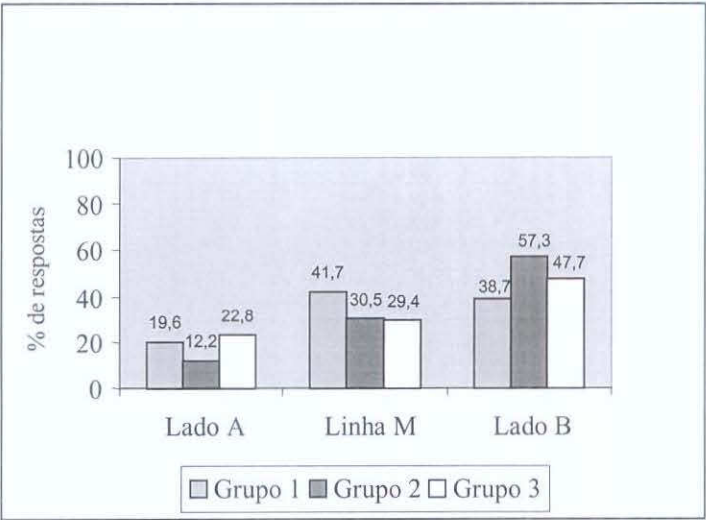


Figura 4 – Comparação das respostas relativas ao *self* social

4.4.4. Self ético-moral

TABELA 22: Comparação das respostas relativas ao *self* ético-moral

	3	2	1	M	1	2	3
Grupo 1	0%	2.4%	0.8%	10.4%	13.2%	38.4%	34.8%
Grupo 2	0%	0%	1.5%	8.7%	15.4%	32.8%	41.5%
Grupo 3	0.7%	0.4%	1.9%	11.5%	17%	37%	31.5%

Em relação ao *self* ético moral, o gráfico deixa bem claro que as respostas foram predominantes no Lado B.

O grupo 2 obteve um maior número de respostas na graduação 3 do Lado B, é a primeira vez que notamos este fato.

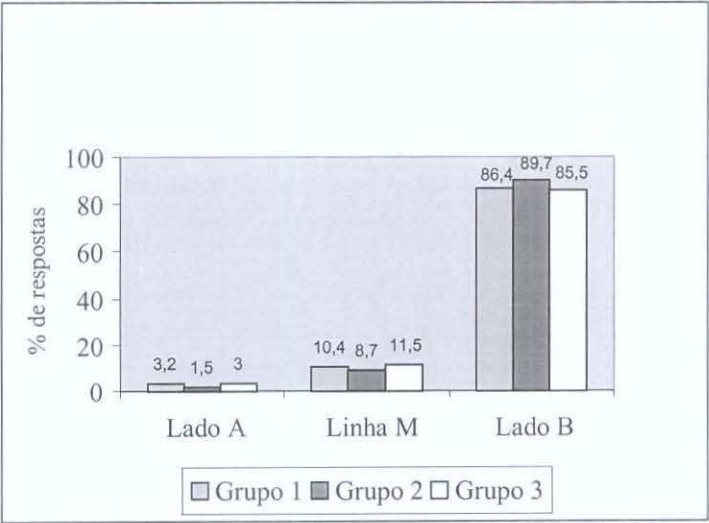


Figura 5 – Comparação das respostas relativas ao *self* ético-moral

4.4.5. Self somático

TABELA 23: Comparação das respostas relativas ao *self* somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física

	3	2	1	M	1	2	3
Grupo 1	1.6%	2.7%	4.9%	31.3%	17.1%	27.5%	14.8%
Grupo 2	0.7%	0%	2.1%	17.7%	20.6%	28.3%	20.6%
Grupo 3	0%	0%	5.7%	23.2%	25.3%	33.5%	12.3%

Diferente das tabelas anteriores notamos que o grupo 1 obteve maior número de respostas para a Lado A e um número, relativamente, menor do que os outros grupos, de respostas para o Lado B.

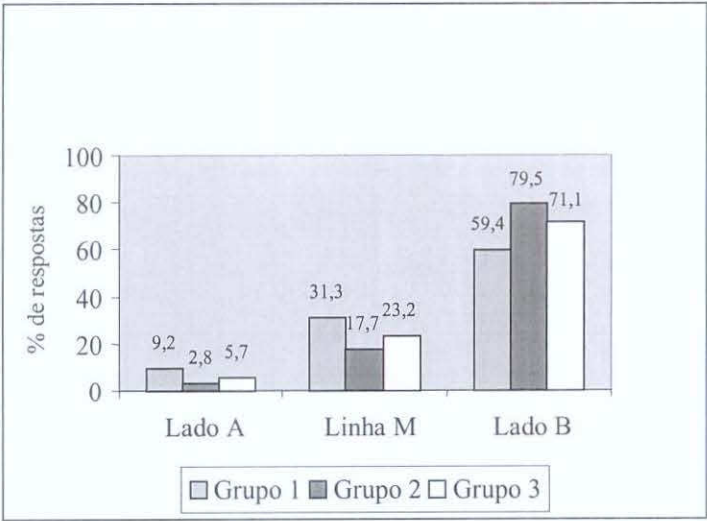


Figura 6 – Comparação das repostas relativas ao *self* somático

4.4.6. Self social

TABELA 24: Comparação das respostas relativas ao *self* social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social

	3	2	1	M	1	2	3
Grupo 1	4.9%	2.3%	2.3%	26.6%	13.6%	31.5%	18.8%
Grupo 2	0.8%	1.2%	0.78%	15.4%	16.2%	39.4%	26.1%
Grupo 3	0.9%	3.4%	6.7%	21.5%	19.6%	30.7%	17.2%

O grupo 2 teve um número pequeno de respostas localizadas no Lado A, entretanto, relacionado ao Lado B, o número de respostas encontradas foi maior do que as dos outros dois grupos.

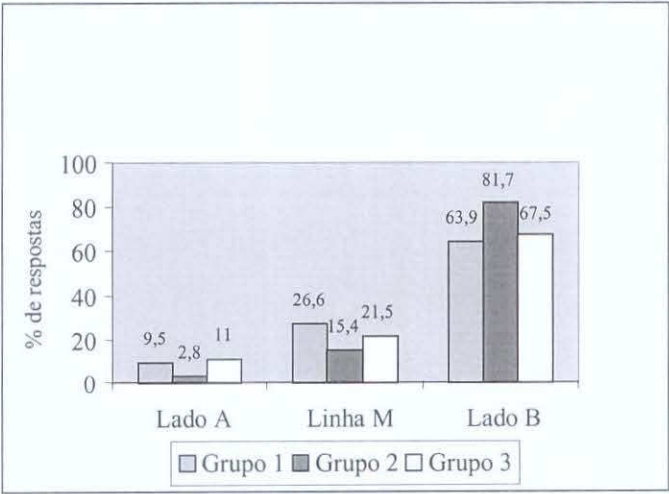


Figura 7 – Comparação das respostas relativas ao *self* social
(valores que determinam a receptividade social)

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO

Sack (apud Thomas, 1983), diz que o esporte exerce um efeito sobre a alternância de valores, conceitos e formas de conduta em direção às normas sociais aceitas.

Baseados nesta afirmação, percebemos que o esporte tem uma influência muito grande na vida do indivíduo praticante, e por esta razão, o objetivo deste trabalho era analisar se há alguma influência no auto-conceito de adolescentes femininas que praticam o vôlei, e para isso, foram entrevistadas meninas que treinam regularmente e meninas que não praticam atividade física, e em seguida feita uma comparação.

Em relação ao *self* pessoal, obtivemos resultados similares nos três grupos. Encontramos os adjetivos indeciso, complexado e preocupado, tendo um número relevante de respostas.

Dentro de toda a amostra, que contou com 40 entrevistadas, **35%** consideram-se indecisas, **30%** complexadas e **35%** preocupadas. Essas características do auto-conceito eram esperadas levando em conta a teoria de Erikson (1968) que defende a confusão de papéis que acontece nesta fase. Sentir-se indeciso perante as decisões e preocupado com o que se decidiu ou com o julgamento que as pessoas representativas ao seu redor irão formar a seu respeito é uma característica muito forte na adolescência.

Na tabela que analisou o *self* pessoal, mas direcionado ao auto controle, **40%** dos sujeitos analisados consideram-se preguiçosos.

No grupo 1, **35,7%** das meninas consideram-se preguiçosas. Nos outros dois grupos, encontramos números maiores: grupo 2, **45,45%** e grupo 3, **40%**. Interessante notar, que as meninas que estão inseridas em um programa de treinamento de vôlei, consideram-se mais preguiçosas do que aquelas que não praticam a modalidade. Este dado não é coerente com a idéia que se tinha, de que as adolescentes que praticam atividade física eram mais ativas. Como podemos perceber, mais uma vez, este fato é característico da idade, e não de indivíduos praticantes ou não de vôlei.

Além de preguiçosas, as entrevistadas que praticam atividade física, ainda se consideram desordenadas, anárquicas, desligadas, distraídas e esquecidas.

No grupo 2, **54,5%** das adolescente consideram-se desordenadas e **28,6%** acreditam-se anárquicas. Dentro do grupo 3, obtivemos um número de respostas significativos para estes e outros adjetivos que não foram citados com tanta ênfase pelos outros grupos: **33,3%** das entrevistadas julgam ser desordenadas, **40%** anárquicas, **40%** desligadas, **33,3%** distraídas e **33,3%** esquecidas.

Se considerássemos apenas este fato, poderíamos dizer que as meninas que não praticam atividade física, possuem um auto conceito relacionado ao auto-controle melhor do que aquelas que praticam. Porém, se analisarmos as respostas, no geral, percebemos que este grupo não obteve o menor número de respostas para o Lado A. Esta afirmação fica mais clara se retomarmos a figura 3:

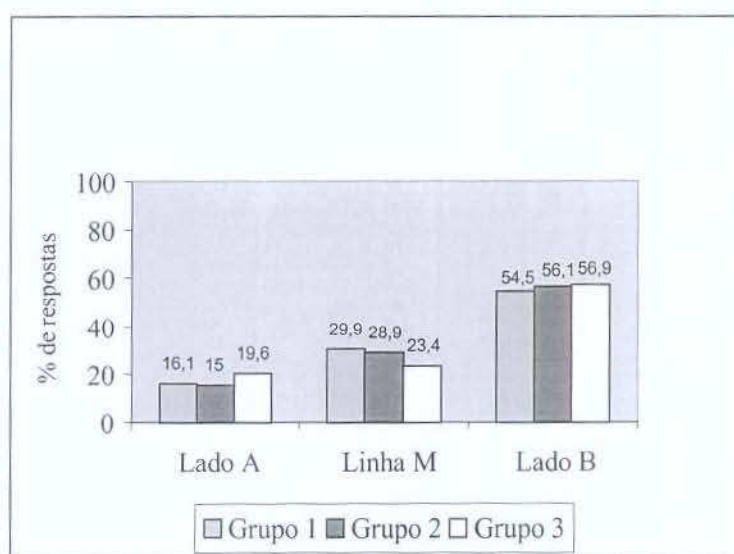


Figura 3 – Comparação das respostas relativas ao *self* pessoal
(direcionado ao auto controle)

Nota-se que o grupo 3 teve um maior número de respostas para o Lado A. No geral, este número não é tão significativo, nos trazendo assim uma idéia de que no que se refere ao auto controle, as adolescentes em questão possuem uma visão relativamente parecida de si próprias, havendo, apenas, uma diferenciação nos pontos que já foram citados.

Na tabela que analisou o *self* social, percebemos um dado interessante. O grupo 2, que é o mais novo dentre os grupos entrevistados, possui um conceito relativo a sua maneira de interagir com os outros, melhor (levando em consideração o que se espera de um indivíduo dentro da sociedade em que estão inseridas) do que os outros dois grupos, que são formados por adolescentes com mais idade.

O grupo 1 e o grupo 3, apresentaram respostas significativas para os mesmos adjetivos: impaciente, brava, nervosa e preocupada. Além desses, **33,3%** das adolescentes que praticam atividade física ainda se consideram vingativas.

Podemos relacionar estas respostas a idade em que se encontram as entrevistadas e desta maneira, afirmar que existe uma influência mais forte da idade, do que com o fato dos grupos praticarem ou não atividade física.

Em relação ao *self* ético-moral, percebe-se que há uma grande tendência das adolescentes em questão de se avaliarem como indivíduos que possuem valores que são altamente aceitos pela sociedade. Ao se desviarem destas qualidades, poderiam não ser aceitas no ambiente ao qual fazem parte, e isso não vem ao encontro com a necessidade da adolescência de ser parte de um grupo de iguais. Mais uma vez encontramos uma característica de um grupo que faz parte de uma fase do desenvolvimento humano, a adolescência, e não de pessoas que praticam ou não atividade física.

Na tabela que analisa o *self* somático, que busca a compreensão que o indivíduo tem em relação a sua aparência física, percebemos pela primeira vez, uma similaridade entre as respostas dos grupos 2 e 3, ou seja, entre as adolescentes que jogam vôlei.

No grupo 1, foram encontradas **9,2%** das respostas para o Lado A. Entretanto, somando as respostas do grupo 2 e 3, encontramos apenas **4,5%** das respostas neste mesmo lado. Além deste dado, o número de respostas deste dois últimos grupos encontradas no Lado B é maior do que as do grupo 1. Percebemos que existe uma diferença entre o conceito que se tem em relação aos aspectos físicos das adolescentes que praticam atividade física e das que não praticam. Neste ponto, analisando o *self* somático, pode-se afirmar que a atividade pode influenciar no auto-conceito.

Em relação ao *self* social que diz respeito aos traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social, percebemos que, novamente, o grupo 2 possui um conceito que difere dos outros dois grupos. Através destes dados, podemos deduzir que a idade influencia no *self* social, já

que quando se analisou o *self* social relacionado a atitude do sujeito em relação aos outros e aos valores dos outros, este grupo também apresentou dados mais expressivos no Lado B, ou seja, adjetivos considerados melhores.

Após a análise de todas as tabelas, percebe-se que muito das características encontradas entre os grupos é proveniente da idade que as entrevistadas se encontram, pois nota-se, em alguns momentos, uma similaridade entre as respostas dos três grupos analisados, e entre os grupos que apresentam idades aproximadas (grupo 2 e grupo 3).

Em relação a diferença entre as adolescentes que praticam ou não atividade física, no caso o vôlei, podemos dizer que em um ponto pôde haver alguma influência, quando se refere ao *self* somático.

Zaharopoulos, Hodge, Marsh e Peart (apud Gallahue, 2001), no estudo que fizeram com adolescentes atletas e não atletas, afirmam que a atividade física pode influenciar no que diz respeito ao conceito que se tem em relação a sua habilidade física e não ao seu auto-conceito global.

Através dos resultados que obtivemos nesta pesquisa, percebemos que a afirmação feita por estes autores se enquadra ao grupo que foi analisado, porém não percebemos grande diferença entre as respostas quando se tratou da habilidade. A influência que foi percebida, como já foi citado anteriormente, foi, principalmente, em relação ao *self* somático.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número de pessoas que foram entrevistadas foi, relativamente, pequeno para que possamos aplicar os resultados para a adolescência em geral. Os resultados desta pesquisa são válidos para a realidade e o ambiente em que as adolescentes que participaram desta pesquisa estão inseridas.

Para uma próxima aplicação dos questionários em grupos similares aos que foram analisados, sugiro que:

- Os questionários sejam aplicados em duas fases, pois sendo de grande extensão, percebe-se que há um cansaço por parte das entrevistadas, que em determinado momento, começam a apresentar, uma certa confusão para definir os adjetivos;
- Em relação aos adjetivos, deve-se ter maior cuidado para não repeti-los. Muitas vezes as adolescentes não conseguiram distinguir os significados ou entender o motivo do mesmo adjetivo aparecer como antônimo de palavras diferentes;
- Sugiro que este questionário passe por uma adaptação para que se adeqüe ao público para qual será aplicado.

Para possíveis estudos, sugiro que:

- O grupo de entrevistados seja maior;
- A idade entre os grupos sejam similares;
- As modalidades esportivas praticadas pelos grupos sejam diferentes;

Para possíveis sujeitos, sugiro:

- Adolescentes masculinos;
- Adolescente masculinos ou femininos que participem de um programa de treinamento intensivo;
- Mulheres ou homens praticantes ou não de atividade física;

- Mulheres ou homens de cursos diferentes dentro da Universidade, por exemplo, Educação Física e Matemática;
- Crianças que participam de escolas de esportes;
- Crianças que fazem parte de um programa de treinamento intensivo;
- Com grupos de terceira idade que praticam ou não atividade física.

Não temos a pretensão de esgotarmos as questões apresentadas. Deve-se levar em conta que o auto-conceito é um campo de estudo muito vasto, que apesar das muitas pesquisas que estão sendo desenvolvidas, dentro da área de Educação Física, ainda é pouco o material disponível. Podemos perceber isso pela falta de bibliografia atualizada sobre o assunto.

Sabendo-se da importância que a atividade física tem na vida dos seres humanos, não podemos desvincular um termo do outro, tendo assim, uma área, relativamente nova e vasta para estudarmos.

Referências Bibliográficas

ALVES, R.; O amor que acende a lua. Campinas: Papirus, 1999.

BASTOS, A.C.; Adolescência Feminina - Aspectos Psicossomáticos na Ótica de um Ginecologista. São Paulo: Atheneu, 1992.

CASTRO, A.P.; Avaliação do Auto conceito em Deficientes Físicos Esportistas. 2003. 47f. Especialização em Atividade Motora Adaptada. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas; 2003.

DAVIDOFF, L.L. Introdução à Psicologia. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

ERIKSON, E. H.; Identidade - juventude e crise. Tradução Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Zahar Editores:1976.

FADIMAN, J.; FRAGER, R.; Teorias da Personalidade. São Paulo: Harper & Row Brasil, 1979.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.

GALLATIN, J.E. Adolescência e Individualidade - uma abordagem conceitual da psicologia da Adolescência. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1978.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1982.

MOREIRA, D.A.; O método Fenomenológico na Pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2002.

OLIVEIRA, G.C.; SISTO, F.F.; FINI, L.D.T. (orgs) Leitura de Psicologia para a Formação de Professores. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

PARRA, N.; O adolescente segundo Piaget. São Paulo: Pioneira, 1983.

SILVA, P.S.; A formação do Eu - A busca da autonomia e o desenvolvimento da maturidade. São Paulo: Expressão & Arte, 2003.

SANTANA, V.H.; Avaliação do Autoconceito aplicada a Atividade Física. 2003. 116f. Dissertação de mestrado em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas; 2003.

TAMAYO, A.EFA: Escala Fatorial de Autoconceito. Arquivo Brasileiro de Psicologia. Rio de Janeiro, 33 (4): 87-112, out/dez, 1981.

TAMAYO, A.;CAMPOS, A.P.M.; MATOS, D.R. et al. A influência da Atividade Física Regular sobre o Auto-conceito. estud. psicol. Natal: 2001, vol.6, nº 2, pg. 157-165.

THOMAS, A.; Esporte – Introdução a Psicologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983 .

VILLA SÁNCHEZ, A; ESCRIBANO, E.A.; Medição do Auto-conceito. Tradução Cristina Murachco, Bauru, SP: EDUSP, 1999.

OLIVEIRA, S. L.; Tratado de Metodologia Científica – Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. São Paulo: Futura, 2001.

ANEXOS



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

ANEXO I

Carta de consentimento

São Paulo, ____ de _____ de 2003

Prezado (a) pai/mãe/responsável,

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo analisar o auto-conceito de adolescentes femininas atletas (praticantes de vôlei) e não atletas. A participação de sua filha/menor de sua responsabilidade, embora voluntária, é de grande importância para a obtenção de informações sobre auto-conceito e para que a pesquisa seja concluída.

A coleta de dados será através de um questionário. Asseguramos que será guardado o anonimato sobre a identidade das participantes desta pesquisa.

Esperamos contar com a sua colaboração e nos colocamos ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitem esclarecimento. Solicitamos também que assine esta folha de permissão para a realização da pesquisa.

Atenciosamente,

Prof^a Dr^a Elaine Prodócimo

Orientadora

Karina Yoshinaga

Aluna da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp)

Autorização

Eu, _____ concordo com a participação da minha filha/menor de minha responsabilidade nesta pesquisa, estando ciente de seu objetivo e da importância de sua participação.

Assinatura do responsável
Data: ____/____/2003

ANEXO II

Escala Fatorial de Auto-conceito

Idade:
Série que está cursando:
Há quanto tempo pratica vôlei?
Pratica outro esporte? Sim____ Não____ Qual? _____

O que é auto-conceito?
É a forma como o ser humano se vê, sem emitir valores ou julgamentos.
Este é um questionário destinado a verificar a percepção que você tem de si mesmo. Nas próximas páginas, você verá vários atributos antônimos colocados nos extremos de uma tabela. Pense na situação e coloque a palavra que você acreditar ser a melhor palavra para te descrever.

Exemplo:

Violento	3	2	1	M	1	2	3	Pacífico
----------	---	---	---	---	---	---	---	----------

Os números da escala significam:
3 = se aplica muito
2 = se aplica bastante a violento
1 = se aplica pouco
M = os dois extremos da escala se aplicam igualmente
1 = se aplica pouco
2 = se aplica bastante a pacífico
3 = se aplica muito

Faça um círculo em torno do número que expressa melhor a percepção que você tem de si mesmo.

Observações:

- Procure dar apenas uma resposta para cada atributo;
- Responda sinceramente, porém sem pensar demais. A primeira resposta que vem a sua cabeça é sempre melhor;
- Não passe para a página seguinte antes de terminar a que você já começou, nem volte a consultar as páginas já respondidas;
- As suas respostas ficarão em sigilo.

1. Adjetivos relativos ao *self*-pessoal, analisando a confiança pessoal e a confiança em si mesmo (maneira como se percebe como pessoa)

Inseguro	3	2	1	M	1	2	3	Seguro
Vacilante (ter dúvida, tremer)	3	2	1	M	1	2	3	Firme
Indeciso	3	2	1	M	1	2	3	Decidido
Complexado	3	2	1	M	1	2	3	Seguro
Frágil	3	2	1	M	1	2	3	Forte
Instável	3	2	1	M	1	2	3	Estável
Frustrado	3	2	1	M	1	2	3	Realizado
Dominado	3	2	1	M	1	2	3	Dominante
Covarde	3	2	1	M	1	2	3	Corajoso
Volúvel	3	2	1	M	1	2	3	Estável
Medroso	3	2	1	M	1	2	3	Aventureiro
Tenso	3	2	1	M	1	2	3	Descontraído
Inconstante	3	2	1	M	1	2	3	Constante
Preocupado	3	2	1	M	1	2	3	Tranquilo
Descontrolado	3	2	1	M	1	2	3	Controlado
Passivo	3	2	1	M	1	2	3	Ativo

2. Ainda analisando o *self* pessoal, porém direcionado para o auto controle:

Anárquico	3	2	1	M	1	2	3	Organizado
Desligado	3	2	1	M	1	2	3	Ligado
Distraído	3	2	1	M	1	2	3	Atento
Desordenado	3	2	1	M	1	2	3	Sistemático
Desatento	3	2	1	M	1	2	3	Atento
Descuidado	3	2	1	M	1	2	3	Cuidadoso
Indisciplinado	3	2	1	M	1	2	3	Disciplinado
Irresponsável	3	2	1	M	1	2	3	Responsável
Preguiçoso	3	2	1	M	1	2	3	Trabalhador
Imprudente	3	2	1	M	1	2	3	Prudente
Esquecido	3	2	1	M	1	2	3	Lembrado
Desinteressado	3	2	1	M	1	2	3	Interessado
Instável	3	2	1	M	1	2	3	Estável
Vacilante (ter dúvida /tremor)	3	2	1	M	1	2	3	Firme
Inconstante	3	2	1	M	1	2	3	Constante
Desajeitado	3	2	1	M	1	2	3	Habilidoso

3. Adjetivos relacionados com o *self* social, que avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a auto percepção sobre a sua maneira geral de interagir com os outros”:

Briguento	3	2	1	M	1	2	3	Pacífico
Agressivo	3	2	1	M	1	2	3	Gentil
Impaciente	3	2	1	M	1	2	3	Paciente
Bravo	3	2	1	M	1	2	3	Manso
Nervoso	3	2	1	M	1	2	3	Calmo
Brusco	3	2	1	M	1	2	3	Delicado
Rebelde	3	2	1	M	1	2	3	Dócil
Vingativo	3	2	1	M	1	2	3	Pacífico
Intolerante	3	2	1	M	1	2	3	Tolerante
Extremista	3	2	1	M	1	2	3	Moderado
Preocupado	3	2	1	M	1	2	3	Tranquilo
Descontrolado	3	2	1	M	1	2	3	Controlado

4. Os fatores a seguir determinam o *self* ético- moral do indivíduo:

Desleal	3	2	1	M	1	2	3	Leal
Desonesto	3	2	1	M	1	2	3	Honesto
Traidor	3	2	1	M	1	2	3	Fiel
Mentiroso	3	2	1	M	1	2	3	Sincero
Infiel	3	2	1	M	1	2	3	Fiel
Falso	3	2	1	M	1	2	3	Franco
Imprudente	3	2	1	M	1	2	3	Prudente
Injusto	3	2	1	M	1	2	3	Justo
Inautêntico	3	2	1	M	1	2	3	Autêntico
Irresponsável	3	2	1	M	1	2	3	Responsável
Maldoso	3	2	1	M	1	2	3	Bondoso
Indisciplinado	3	2	1	M	1	2	3	Disciplinado
Insensível	3	2	1	M	1	2	3	Sentimental
Hostil (contrário/inimigo)	3	2	1	M	1	2	3	Amigo
Desrespeitador	3	2	1	M	1	2	3	Respeitador
Desinteressado	3	2	1	M	1	2	3	Interessado
Descortês (grosseiro)	3	2	1	M	1	2	3	Cortes (delicado)
Detestado	3	2	1	M	1	2	3	Amado

5. A próxima tabela apresenta uma lista de adjetivos que busca a compreensão do *self* somático, que diz respeito aos aspectos físicos, ou seja, aparência física:

Desgracioso (obeso)	3	2	1	M	1	2	3	Esbelto
Deselegante	3	2	1	M	1	2	3	Elegante
Deforme (deformado)	3	2	1	M	1	2	3	Sexy
Desarrumado	3	2	1	M	1	2	3	Arrumado
Descuidado	3	2	1	M	1	2	3	Alinhado
Feio	3	2	1	M	1	2	3	Lindo
Escasso	3	2	1	M	1	2	3	Exuberante
Repulsivo	3	2	1	M	1	2	3	Atraente
Frio	3	2	1	M	1	2	3	Sensual
Detestado	3	2	1	M	1	2	3	Amado
Antipático	3	2	1	M	1	2	3	Simpático
Indesejado	3	2	1	M	1	2	3	Desejado
Desagradável	3	2	1	M	1	2	3	Agradável

6. A próxima tabela apresenta adjetivos avaliam o *self*-social, porém dizendo respeito a traços que facilitam ou dificultam o relacionamento social, expressando valores que determinam a receptividade social:

Retraído	3	2	1	M	1	2	3	Expansivo
Introvertido	3	2	1	M	1	2	3	Extrovertido
Fechado	3	2	1	M	1	2	3	Aberto
Inibido	3	2	1	M	1	2	3	Desinibido
Impopular	3	2	1	M	1	2	3	Popular
Desentrosado	3	2	1	M	1	2	3	Entrosado
Tímido	3	2	1	M	1	2	3	Audaz
Solitário	3	2	1	M	1	2	3	Social
Enfadonho	3	2	1	M	1	2	3	Divertido
Insociável	3	2	1	M	1	2	3	Sociável
Triste	3	2	1	M	1	2	3	Alegre
Antipático	3	2	1	M	1	2	3	Simpático
Passivo	3	2	1	M	1	2	3	Ativo
Frio	3	2	1	M	1	2	3	Sensual
Tenso	3	2	1	M	1	2	3	Descontraído
Inseguro	3	2	1	M	1	2	3	Seguro
Complexado	3	2	1	M	1	2	3	Seguro
Lento	3	2	1	M	1	2	3	Ágil
Indeciso	3	2	1	M	1	2	3	Decidido
Deforme (deformado)	3	2	1	M	1	2	3	Sexy
Indesejável	3	2	1	M	1	2	3	Desejado
Frustrado	3	2	1	M	1	2	3	Realizado